

# ARCHIVOS BRASILEIROS DE HYGIENE MENTAL

ANNO IV

JUNHO A OUTUBRO DE 1931

N.º 3

## Editorial

### A 4.ª Semana Anti-Alcoolica

*Escrevemos estas linhas quasi em vespervas da «Quarta Semana Anti-Alcoolica».*

*O grande movimento de prophylaxia social será patrocinado, este anno, pelo brasileiro que no momento se acha investido de maior autoridade para symbolizar a lucta contra a terrivel endemia — o Sr. Dr. Belisario Penna, Ministro da Educação e Saude Publica.*

*Com o devido respeito á nobre e elevada função ministerial, apressamo-nos, aliás, em frizar que, na eventualidade, para o nosso ponto de vista, a personalidade do Ministro prima sobre o seu alto cargo, e são, antes de tudo, as credenciaes do evangelizador-hygienista que fixamos e distinguimos no patrono illustre da Semana Anti-Alcoolica.*

\*

\* \*

*Dando, por assim dizer, balanço na prophylaxia contra o alcool, no meio nacional, desde o ultimo surto de propaganda intensiva, na Terceira Semana, em 1929, não teremos duvida em registrar os progressos da idéa temperante — se observarmos as iniciativas tomadas pelos dirigentes no dominio da repressão legal do vicio.*

*Justamente na sessão inaugural daquelle periodo, em 14 de outubro de 1929, um dos mais devotados paladinos do anti-alcoolismo em nosso paiz, medico de largo descortino que, como politico, punha o seu prestigio ao serviço da causa prophylatica,*

o Dr. Plinio Marques, disséra considerar já «a cruzada victoriosa e terminada a phase de propaganda.»

Surgiu, de facto, mezes depois, no antigo Congresso Nacional, um projecto de lei anti-alcoolica, brilhantemente redigido por nma comissão de competentes. Esse projecto, entretanto, sabem todos que no seu andamento estava encontrando os maiores obices, pois, sempre, ha grandes interesses em torno do alcool e a organização dos Corpos Legislativos, na chamada Republica Velha, permittia a infiltração facil dos interessados nos arraias das boas intenções, entravando e paralyzando as melhores iniciativas.

A Republica Nova inaugurcu-se, já o dissemos, de uma feita, sob os melhores auspicios para os amigos da temperança. Sensatos dispositivos de prohibicionismo parcial foram em numerosos centros do paiz das primeiras medidas de emergencia tomadas pelas autoridades da nova administração. As aggremações temperantes viram-se, em varias occasiões, confortadas pela solidariedade honrosa dos detentores do Poder Publico. Que nos sirva o presente ensejo para deixar expresso aqui o vivo reconhecimento da Liga Brasileira de Hygiene Mental por uma dessas captivantes gentilezas, vinda justamente de um desassombrado politico, partidario em todos os tempos da repressão legal effectiva do alcoolismo — o Sr. Dr. Baptista Luzardo, digno Chefe de Policia do Districto Federal. Por occasião da brilhante conferencia sobre «Toxicomanias», realizada pelo nosso distincto consocio, Dr. Pedro Pernambuco Filho, na serie de palestras referentes á Reforma da Policia, recebeu um dos directores da Liga especiaes deferencias do Dr. Luzardo, que, além disso, de publico louvou as campanhas da nossa instituição, em palavras que sobremaneira nos penhoraram.

Não para retribuir a cortezia, senão para render estricta justiça ao esforçado Chefe, diremos da nossa confiança no seu bem orientado esforço em prol da educação anti-toxica do inclyto povo do Districto Federal, digno por certo de dar ao paiz os mais nobres exemplos.

Rio de Janeiro, 1<sup>o</sup> de Outubro de 1931.

# TRABALHOS ORIGINAES



## COMO EVITAR AS PROLES DEGENERADAS (\*)

POR

ALBERTO FARANI

Presidente da Secção de Estudos de Cirurgia e Systema Nervoso da Liga Brasileira de Hygiene Mental. Chefe de serviço no Ambulatorio de Prophylaxia Mental «Rivadavia Corrêa» Cirurgião da Assistencia Publica Municipal.

E' bem de ver que não se pôde tolerar hoje o decreto espartano de eliminar os degenerados. A pena de morte tambem tem seus requisitos legais, dentre os quaes não figura a degeneração mental. Como agir então? Impedindo o nascimento do degenerado.

O nascimento de um ser humano é consequente á fusão da cellula masculina — espermatozoide — com a cellula feminina — ovulo. Não haverá, portanto, concepção quando haja ausencia dellas — azoospermia ou anovulia — ou quando ellas não se encontrem. Vale dizer: ausencia de cellulas, ou ausencia de cóntacto entre ellas.

Como poderemos conseguir a não concepção?

A ausencia de cellulas germinativas depende de factos anatomo-pathologicos, que não podemos nem devemos reproduzir. E' obvio, portanto, que os meios a empregar devem collimar o não encontro. E assim entramos no dominio das praticas prophylacticas da concepção. Fica assim, desde logo, afastado o criterio da interrupção de uma gestação evolutiva.

Esta prophylaxia concepçional pôde ser transitoria ou

(\*) Publicando o presente resumo da notavel conferencia pronunciada na Liga pelo Dr. Alberto Farani, em 10 de Setembro de 1931, accentuaremos caber pessoalmente ao nosso consocio a responsabilidade dos conceitos de feição polemista que se encontram no seu trabalho. — Nota da Redacção.

definitiva. No primeiro caso obtem-se limitação da prole, no segundo a esterilização. Sob o ponto de vista eugenico em geral, é admittida a limitação. Muitos casos ha em que se faz mister espaçar gestações consecutivas. Todas as vezes em que haja vantagem eugenica em não haver gravidez de momento, deve-se usar um meio que a evite. Estes meios provisorios cabem no capitulo do neo-malthusianismo chamado, processos multiplos, que buscam o não encontro do espermatozoide com o ovulo. Desta caracteristica e transitoriedade é que decorre ao mesmo tempo a sua vantagem e seu defeito. Sua vantagem porque desaparecida a indicação prophylactica, retorna a capacidade procriadora.

Seu defeito será o uso indefinido, caso perdue a indicação. Além disto, por vezes falham. Esta duvida na efficacia ou obrigatoriedade de um neo-malthusianismo permanente é que fizeram buscar um meio, que tornasse definitiva a incapacidade fecundante.

De momento os processos aconselháveis para consecução esterilisante são a vasectomia e a tubectomia, resecção dos deferentes ou das trompas. Mas é preciso discutir sua legitimidade, e demonstrar que são tecnicamente scientificas e as unicas verdadeiramente efficazes.

Os raios X foram lembrados, mas têm inconvenientes. Se insufficiente a dose, o effeito será temporario; se demasiada, haverá destruição do elemento hormonal. Além disto são contraindicadas as irradiações se houver concomitancia de appendicite, lesões annexiaes ou qualquer processo inflammatorio regional. Tudo aggravado pela impossibilidade do radiologista poder limitar os effeitos dos raios. Não é portanto um processo de escolha.

A legitimidade da intervenção cirurgica para ser affirmada tem que provar: 1º) necessidade e 2º) inocuidade. Sua necessidade impõe-se toda vez que uma tara grave possa transmittir-se, sem que outro meio *reconhecidamente efficaz* nos offereça a hygiene. Ora, no dominio neuro-psychico não temos recurso para corrigir a tara.

A inocuidade é absoluta, sobretudo para a vasectomia, intervenção tão simples quanto a da hydrocele, e que cirurgiões americanos praticam, abusivamente a meu ver, no proprio consultorio. A resecção da trompa não é tão benigna, mas corre parilha com a da appendicite chronica «salta caroço»; não ha razão para rejeital-a.

Além de benigna a vasectomia não influe sobre o estado geral. Ahi estão a demonstral-o grande numero de individuos, operados de prostatectomia supra-pubiana, em que é tempo preliminar a resecção dos deferentes; estão ahi a demonstral-o os casos de Steinach, a tentar o rejuvenecimento. Da mesma forma na mulher a salpyngectomia em nada pode influir no physico, e tem a vantagem de conservar a euphoria sexual.

Sob o ponto de vista moral já se pode algo deduzir do grande numero de casos, em que se esterilizaram homens e mulheres degeneradas. Nem augmentaram os delictos sexuaes, como se poderia pensar. Não só não ha augmento de delictos, como são praticados pelos recidivantes e nunca por esterilizados, anteriormente não delictuosos. Logo, não é a esterilização estímulo para a aggressão sexual.

O estado mental do esterilizado muitas vezes melhora e muito.

Capitulo importante é constituído pelas indicações, que devem ser firmadas com muito criterio, pois do contrario daria logar a excessos.

Dizem nossos contradictores que será *restricta* sua indicação para a defesa social. Estamos de accordo. E' preciso evitar os erros e os abusos, é preciso rigor nas indicações opportunas, nem outra coisa querem os eugenistas. Mas será razão para não beneficiar a sociedade com estes poucos casos? Intervenções ha, graves em cirurgia, as do cancer por exemplo. A mortalidade immediata é grande, as recidivas frequentes, poucos relativamente se curam, será razão sufficiente para nos oppormos á cirurgia do neoplasma?

Um factor, que complica o problema é que, nas familias de anormaes, nem todos os productos são accentuadamente tarados, e mesmo alguns delles poderão ser bons, senão optimos. Neste particular ha dois factos a encarar: 1º — O apparecimento de um sujeito optimo, genio até, compensará diversos maus? 2º — Não poderão estes individuos bons, por herança recessiva, perturbar a sociedade com imprevisos elementos maus? Portanto, se indica a esterilização, não procede a contradicta porque a *hypothese possibil* de decedentes bons não prevalece contra a *probabilidade* de elementos nocivos.

Objectam ainda: incerteza ou mesmo ignorancia das leis de herança, possibilidade de latencia, de não manifes-

tação da tara perigosa (que não exclue aliás, a recessão), o desaparecimento da tara da prole futura, graças á correcção hygienica e educadora. E' preciso tambem verificar se as taras dos progenitores são, de facto, blastophtoricas, ou se não serão adquiridas, em qual caso poderão não ser hereditarias. Não esquecer, entretanto, que a blastotoxia adquirida pôde herdar-se, tal o alcoolismo. De todo modo é necessaria a evidencia da nocividade social da tara.

Demanda, portanto, muito criterio e muita prudencia a oportunidade da indicação. Mas não se pôde negar a transmissibilidade.

Basta citar o exemplo, rigorosamente apurado, da celebre «Familia Kallikak». O progenitor teve um filho bastardo com uma debil mental: de 450 descendentes só 46 normaes. Casando mais tarde com uma mulher sadia nasceu apenas 1 tarado dentre 496 productos. Penso ser tudo isto irrespondivel quanto ao predomínio quantitativo dos tarados, quando nascidos de casal degenerado ou mesmo de um só. Dahi a exigencia cabivel de dever-se esterilizar preventivamente um individuo suspeito, quando contraia união com um degenerado.

Agora vou tratar de responder a uma serie de objecções de ordem moral. Estas objecções, em grande parte oppõe-se ao neo-malthusianismo. Como, porém, o ponto de vista tambem attinge aos eugenistas, responderei pela parte que se refere á esterilização. *Mutatis mutandis...*

Sob o ponto de vista moral pode-se encarar o assumpto consoante as indicações economicas, hygienicas e medicas, dentre estas as eugenicas. Quero restringir-me ao dominio eugenico, relativo aos degenerados mentaes.

A primeira objecção refere-se á opposição entre quantidade e qualidade. A Igreja que nega direito á limitação dos nascimentos, admite, entretanto, que se possa eventualmente diminuir a progenie pela continencia. Resta saber como serão educados estes inadaptaes. De todo modo é uma defesa da quantidade.

Aqui faz-se interessante um reparo. São defensores desta theoria, isto é são adversarios do «birth controll» e da propria engenia, os paizes pouco povoados ou que se despovôam, isto pela preocupação da defesa nacional. Assim na França em que todos, e mesmo cientistas, discutem a diminuição da natalidade, quer sob o ponto de

vista da limitação. quer do aborto criminoso, não escondem seu receio da prolificidade allemã. Tambem os codigos criminaes se mostram tanto menos severos contra o aborto quanto mais prolificos os respectivos paizes. E' um argumento «ad hominem», argumento para «chair à canon».

Por outro lado desvirtua-se a discussão.

E' necessario, não ha duvida, educar a humanidade afim de que cumpra seu dever prolifico, em numero adequado de individuos sãos, physica e moralmente. Ha hoje em dia, ninguem o contesta, abuso inconcebivel na limitação da prole desejavel. Mas de tal não se infere que, para compensal-o, se deva permittir ou aconselhar fecundação demasiada dos desherdados da sorte, povoando o mundo com productos satisfactoriamente quantitativos, mas cuja qualidade desmereça.

Accentuam que já é lastimavel a diminuição de nascimento dos abastados, sem accrescer um deficit de proletarios. De accordo. Mas qual o resultado de deixarmos pullular «sem criterio» os mal dotados?

Qual o remedio então? Melhorar o quanto possivel o nivel do povo inteiro, quanto aos bons caracteres natos.

Isto quanto ao presente, mas de futuro ficaria modificado o problema, uma vez que houvesse maior numero de productos qualitativamente bons. A eugenia não protesta contra a quantidade, ao contrario, mas ella pede uma quantidade qualitativamente aproveitavel. Assim é que se deve encarar a questão.

Não tratar de cômpensar um deficit, e sim augmentar o rendimento de elementos desejaveis.

Ainda sobre este assumpto é interessante que os adversarios do «birth control» affirmam que estes meios fallham no proletario, ao contrario do que acontece na classe rica. Admira-me a surpresa. Explica-se o facto pela ignorancia em applicar meios que são sabidamente falliveis. Entretanto seu desejo de não procriar manifesta-se francamente em correndo cada vez mais, ao aborto provocado, mais immoral e mais perigoso.

Tenho notado em meus serviços de clinica que não é por vontade de terem filhos que a classe pobre pullula, e sim porque desconhecem muitos o uso dos meios anti-concepçionaes. Não é por moral.

O remedio, repito, está na educação eugénica, que per-

mittirá ao individuo reproduzir-se em boas condições. Quando assim acontecer não haverá mais razões para discussões. Mas enquanto perdurar o estado de coisas actual é preciso, «pelo menos», impedir a multiplicação dos degenerados até que se consiga modificar o meio.

Os degenerados mentaes, por todas as estatísticas, augmentam de modo constante, exigindo da sociedade medidas de protecção. Aqui não se trata mais de meios anticoncepcionaes, por si precarios, e sim de um impedimento definitivo. Este só pôde ser obtido pela restricção matrimonial ou a esterilização.

O problema do impedimento ao casamento levanta a questão do exame pre-nupcial por todos conhecida.

Evidentemente todos que acceituam a eugenia lhe são favoraveis. Mas, de momento, é utopia. Ha, porém, outra face de problema: nem toda procriação se opera no casamento. As uniões livres, tambem podem ser fecundas. A ellas não attinge o certificado aos noivos.

Ainda mais, se se verificar o nascimento de tarados dentre de um casal, devem deixar que se reproduzam á vontade, em virtude do falso conceito da moral? E ha outro facto a respigar: os anormaes gosam de grande prolificidade e distinguem-se pela ausencia de senso moral e descaso por sua descendencia. Devemos permittir-o?

A igreja não admite a esterilização. está claro, mas cogita em impedir o casamento de debeis mentaes, por exemplo. Verdade é que o pretexto não é a qualidade da descendencia, e sim a incapacidade de firmar contracto valido. E' sempre a salvaguarda dos direitos do individuo, é a tendencia individualista, quando a sciencia e a sociedade propugnam cada vez mais pelos direitos da sociedade. O individuo tem direito, sem duvida, mas tambem deveres, que consistem em não prejudicar os direitos de terceiros.

Protestam contra a esterilização porque attinge a integridade corporal do individuo. Para que se possa incriminar a mutilação é preciso provar o prejuizo della, doutra fórma nem a cirurgia seria mais possivel, sobretudo a esthetica. Mas, qual o prejuizo da reseccão do deferente ou da trompa? São canaés, que têm por unica funcção levar umas cellulas sexuaes ao contacto de outras, não têm physiologia propria. Em certos casos até poderá trazer vantagens. A vasectomia tem effeito tonico sobre o organismo

e sobre o estado mental em particular. Até se abusa desta vantagem real para querer, á custa della, e de modo absurdo, obter o rejuvenescimento. Ha até gynecologistas que estendem esta indicação phantastica ás mulheres. Mas a prova evidente do nenhum prejuizo da impermeabilidade do canal deferente e da trompa é a repercussão nulla sobre o organismo da deferentite e da salpingite nitesseiriana em si. Afóra o prejuizo do fóco infectuoso, a obliteração «em si» nenhuma influencia tem.

Alguns theologos acham que seria admissivel a esterilização se reconhecidamente o unico meio de modificar tendencias sexuaes perigosas. E' preciso accentuar o ponto de vista falso desses autores. Vê-se claramente que elles se referem á castração, que era tida como meio de cura das nymphomanas. Pondo de parte sua ignorancia a respeito, elles só se preocupam com o ponto de vista individual. Não importa. O que é curioso, entretanto, é que elles negam o mesmo direito se houver acmettimento do mal a seus descendentes. Se fôr um só, é legitimo, se fôrem muitos, a medida é immoral.

Outro argumento é o desprestigio da dignidade humana. Em que? Será por acaso indigno quem fôr esteril congenito? Será mais digno procrearem-se individuos incapazes?

Outro: Se não fôr precece a esterilização, haverá accumulo de prole indesejavel. Augumentação interessante: Acham que não se deve esterilizar, mas admittem a possibilidade da herança degenerada. Mas pelo facto de já ter nascido mau um outro producto, deixe-se perpetuar o facto deploravel.

A solução do problema estaria na segregação, «mais humana (sic), e garantidora dos interesses da sociedade e dos direitos do individuo». Ora ali está. E isto tudo porque? Porque um concilio pontificou: ... «Não é permittido, sob pretexto de selecção humana, tornar abusivamente infecundos o homem ou a mulher.»

E' preferivel certamente povoar o mundo de indesejaveis. Entretanto elles admittem a nocividade do tarado a conviver no meio social e para tal obviar aconselham o internamento.

Não discutirei a crueldade de tal proceder. Apenas lembrarei o que está de sobejo affirmado, isto é, a impossibilidade de internar todos os individuos nocivos. Ademais,

no caso presente, o maior prejuizo é a possível multiplicação por herança. E' mais racional, mais economica e mais humana a esterilização e a liberdade sob palavra do que a segregação até á menopausa para impedir a reprodução porque... *risum teneatis*? Nossos adversarios dizem textualmente: «a segregação por si só basta para salvaguardar os direitos do Estado, pois impede as reacções anti-sociaes e previne as reproduções dos tarados!

Ora, está provado que este é um meio, além de cruel, muito dispendioso. Ainda aqui se contradizem nossos objectadores. Dizem elles que, de facto, a esterilização é mais economica do que o internamento mas este, impedindo as concepções cacogenicas, diminue proporcionalmente o orçamento sobrecarregado. Portanto admittem a espiração por não se reproduzirem os degenerados. Mas se elles acceitam que a segregação, impedindo que se reproduzam diminue gradativamente o numero de degenerados e parallelamente o onus estadual, por que razão acham elles não póde a esterilização conseguir o mesmo resultado?

Accrescentam: é violar a natureza impedir a procreação, finalidade das relações sexuaes, e é acarretar para os infractores as sancções implacaveis da natureza.

Não será tambem violar a lei natural — o internamento, impedindo a satisfação sensual, preceito tambem da natureza?

Nos Estados Unidos orça por um bilhão de dollares o custeio do serviço de asylados. Além disto aonde buscar lotação para todos os debeis mentaes e outros tarados de prole indesejavel. Bem sei que nem todos são passiveis de esterilização, mas o argumento é o mesmo, pois o internamento dos esterilizaveis viria agravar a superlotação. Parece incrível que, entre internamento por todo periodo *de capacidade fecundante* e a esterilização com liberdade parolada, haja quem julgue mais razoavel a segregação. Mais ainda, se bem que raro, não é de todo excepcional o engravidamento no hospicio, e é notavel que são justamente os debeis os elementos de fecundação indebita.

Embora o internamento se possa operar em colonias, onde a vida é mais aprazivel, nem por isso deixa de ser afastamento cruel da familia. Tanto mais quanto está provado que os esterilizados parolados volvem ao lar em melhores condições, capazes de productividade domestica e social, na maioria dos casos.

A conservação dos desejos e a da satisfação sexual são uma vantagem sob o ponto de vista physiologico. Admira que contra isto protestem os que tanto propugnam pela integridade corporal. Dizem elles que as intervenções cirurgicas propostas não são proporcionadas ao que se deseja, tal a mutilação produzida. Que grande mutilação a resecção de 2 cm. deferente ou de alguns centimetros de trompa, canaes vehiculadores, sem funcção maior. E desproporcionada não é, por certo, em sua finalidade, pois o beneficio para a humanidade compensa grandemente operação tão benigna. E' preciso aversão á cirurgia e ignorancia crassa da technica para tal dizer.

Por outro lado, voltando ao criterio da dignidade humana: o respeito pela integridade do corpo vale mais que descendencia. (sic). Dizem e desdizem a toda hora. A integridade deve consistir na conservação anatomica e physiologica. E dentro da physiologia a conservação sensual é uma das principaes. Oppôr-se a sua satisfação é desconhecer a pathologia da continencia forçada, é desrespeitar a integridade humana.

Vão além, é a sempiterna repetição da these individualista, menosprezando a collectividade quando a tendencia moderna, quer scientifica, quer social ou politica, trata de mostrar o *predominio benefico da concepção opposta*, isto é, o sacrificio do individuo ao bem social. A limitação dos nascimentos, affirmam, é uma affronta, pois torna-se em geral utilitarista. Não é preciso mais repetir, que o «birth-controll» para ser moral deve ter indicação, ninguem de boa fé o contradiz. E' um ponto de vista utilitario, ninguem o nega, é entretanto utilitarismo louvavel uma vez que encara o bem social. Individualista é que não é, pois attende ao beneficio da raça.

Os actos naturaes, isto é, physiologicos, não podem ser immoraes. Não ha differença entre as funcções de reproducção e de nutrição; ambas são necessarias, caracterizam-se ambas pela fome, isto é, necessidade de satisfação. Se é moral o cumprimento das funcções naturaes, é moral o acto sexual em si. São as circumstancias sociaes em que se pratique, que o podem tornar immoral. Não vem ao caso discutir-se se é nociva a abstinencia, embora todos os physiologistas de boa fé assim o affirmem. Pode-se assegurar que ella é prejudicial, passado o periodo da nubilidad,

tanto assim é que gregos e troianos aconselham a castidade até o casamento, fixada a idade para capacidade nubil. (Foi esta uma das moções votadas pelo nosso ultimo Congresso de Eugenia). Passada esta época, o organismo requer imperiosamente a satisfação sexual. Pondo-se de parte, não quero ser desleal, desmandos dos proprios sacerdotes, ha litteratura authentica e fidedigna de padres que pedem, em beneficio da moralidade do clero, a abolição do celibato sacerdotal.

Mas, nesta ordem de idéas, o que convém perguntar é se é mais moral o celibato que o lar, e se é immoral o casal esteril por qualquer causa, e se é immoral o acto conjugal nestas condições, isto é, sem finalidade procreadora, finalidade tanto catholica, quanto eugenica ?

Appelam tambem os moralistas para o prejuizo geral ou local, e para as perturbações nervosas e a decadencia moral dos meios prophylacticos. Ha um fundo de verdade nisto. E' de muito sabido que alguns dos meios néo-malthusianos, fraudes chamadas, são capazes de provocar disturbios nervosos por não satisfação completa do acto conjugal. Não vem ao caso aqui discutir este assumpto porque nossa esterilização em nada influe sobre a psycho-physiologia do congresso sensual. Mas, é preciso accentuar que não é a fraude em si, que prejudica e sim a desentumescencia falha, que ella possa accarretar. Assim é que se verificam as mesmas perturbações sempre que o orgasmo não se dê, tenha ou não havido fraude. Mas isto nada tem que ver com a esterilização.

Em summa vemos que os adversarios de nossa these ou não comprehendem, ou não querem comprehender o ponto de vista da eugenia.

Com má fé revoltante, equiparam os eugenistas aos adeptos dos néo-malthusianismo sem criterio, nem indicação, e nos acoimam de utilitaristas individuaes. Individualistas são elles que a pretexto de integridade corporal e dignidade humana, acham que a família mais vale que a humanidade. Com acrimonia vituperam contra a satisfação sexual e negam os maleficios da abstinencia forçada. Entretanto acham que a lei natural infringe-se pela não concepção, e apontam como castigo contra os infractores... as perturbações por não satisfação sensual !

Penso, por isto, poder concluir hoje como conclui anterior trabalho: «Inocua em sua technica, a esterilização é inocua também em seus resultados. Todos sabem que o acto sexual tem dois fins: a procreação, fim da especie, e o orgasmo, fim do individuo. A esterilização impede a concepção prejudicial, fim do eugenista; em nada influe sobre o orgasmo, que mais importa ao individuo. A ambos se satisfaz e, o que melhor é, satisfaz-se á sociedade, impedindo um mal maior, fim da moral.»

---

**Resumen** El Dr. Alberto Farani, presidente de la sección de cirugía y sistema nervioso de la Liga Brasileña de Higiene Mental, advoga vigorosamente en el presente artículo la causa de la eugenética restrictiva, señalando las ventajas de los procedimientos esterilizadores de los degenerados — vasectomía en el hombre, tubectomía en la mujer. Rebate uno por uno los argumentos contrarios a dicha práctica. Demuestra en particular el error de confundir la eugenética con el neo-maltusianismo, puesto que el último no tiene en vista la selección racial. El autor hace alusión á sus anteriores trabajos sobre el asunto.

---

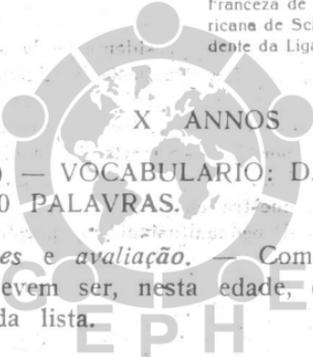
# SUBSIDIO PARA A ADAPTAÇÃO BRASILEIRA DOS TESTS DE BINET-TERMAN

(Continuação)

POR

ERNANI LOPES

Psiquiatra da Assistência a Psychopathas.  
Membro Honorario da Academia Nacional de  
Medicina e da Liga Argentina de Hygiene  
Mental. Membro correspondente da Sociedade  
Françesa de Psychologia e da Academia Ame-  
ricana de Sciencias Moraes e Politicas. Presi-  
dente da Liga Brasileira de Hygiene Mental.



X ANNOS

X — \*1). — VOCABULÁRIO: DAR 30 DEFINIÇÕES;  
6600 PALAVRAS.

*Instruções e avaliação.* — Como as do 6.º test do VIII anno. Devem ser, nesta idade, definidas, pelo menos 30 palavras da lista.

X — \*2) — CRITICAR PHRASES ABSURDAS.

*Instruções.* — Dizer á criança: «*Eu vou lêr uma phrase que tem uma cousa errada, uma cousa impossivel, para vêr si você descobre o que é.*». Lêr então as sentenças, de vagar, em voz clara, e com toda a seriedade, perguntando depois de cada uma: «*Que é que não está direito?*»

As phrases são as seguintes:

a) Um homem dizia: «*Eu conheço um caminho que vem sempre descendo da cidade até á minha casa, e volta sempre descendo de minha casa até á cidade.*».

b) Um machinista dizia que quantos mais carros houvesse no seu trem, mais depressa o trem correria.

c) Hontem a policia encontrou o corpo de uma moça cortado em 18 pedaços. Pensa-se que essa moça se suicidou.

d) Houve um desastre na estrada de ferro, mas foi um desastre sem gravidade: morreram só 48 pessoas.

e) Um homem cahiu da bicycleta e bateu com a cabeça numa pedra, morrendo immediatamente. Apanharam-n'ò e levaram-n'ò para o hospital, onde parece que não se salvará.

Si a criança se mantiver silenciosa, repetir a phrase, abstendo-se, porém, de fazer quaesquer suggestões ao examinando. Questões supplementares como, por exemplo: «A estrada podia descer ao mesmo tempo nas duas direcções?» «Você pensa que a moça podia ter-se matado mesmo?» equivalem quasi a dizer qual a resposta correcta. O proprio riso, e a simples expressão especial de incredulidade, por parte do examinador, ao lêr a parte absurda da questão, devem ser evitados cuidadosamente.

Devido aos restrictos meios de expressão da criança, nem sempre é facil julgar, pela resposta, si o absurdo, foi reconhecido, ou não. Em taes casos peçam-se esclarecimentos á creança dirigindo-lhe perguntas como estas: «*Eu não entendi bem o que você quer dizer.*» «*Explique melhor o que você quer dizer.*» «*Diga o que é que não está direito na phrase que eu li.*»

Graças a essa insistencia, consegue-se não raro que a criança dê uma resposta mais explicita, cuja correcção ou incorrecção melhormente se revele. Deve haver a maior cautela em todas as questões additionaes, afim de não suggerir, sem querer, a solução ao examinando. Admittem-se as correcções espontaneas feitas pelo examinando.

*Avaliação:* — + si o absurdo fôr descoberto pelo meos em *quatro das cinco* phrases. O prazo maximo gasto pelas crianças normaes para encontrar a solução de qualquer dos problemas é, em geral, de trinta segundos. Ha, entretanto, possibilidade de que a emoção de certos examinandos tímidos, ou a tardeza de raciocínio de outros seja causa de só acharem a resposta ao fim de mais algum tempo. De qualquer modo o que é importante é não começar a contar os trinta segundos senão depois que a criança entender e fixar bem cada um dos problemas. Assim, si se tiver começado a contar, mas depois fôr necessario repetir o problema, a contagem será recomeçada pelo examinador.

Eis aquí alguns exemplos de respostas satisfactorias e não satisfactorias:

a) *Satisfactorias.* — «Si ia descendo sempre para a cidade, tinha que ir subindo para casa». «Não póde ir para

baixa para os dois lados. «Não pôde ser. E' uma cousa impossivel». (Explique por **que**). *Não satisfactorias*. — «Póde ser que elle tivesse algum caminhosinho differente para voltar». «Eu acho que era uma estrada muito cheia de voltas». «Com certeza para voltar elle vinha rodeando o morro». «O homem morava na baixada».

b) *Satisfactorias*. — «Tendo mais carros, tinha de ir mais devagar». «Não pôde ser. Si elle queria ir mais depressa elle não devia ter tantos carros». «Só se punha outra machina melhor». «Só se fosse numa descida». *Não satisfactorias*. — «Um trem com muitos carros é melhor». «A machina puxa com mais força quando o trem tem muitos carros».

c) *Satisfactorias*. — «Ella não podia cortar-se sósinha em dezoito pedaços». «Ella teria morrido antes de ter acabado de se cortar em tantos pedaços». «Ella poderia cortar alguns pedaços della mesma, mas tantos, não». *Não satisfactorias*. — «Eu acho que ella se matou; ella ha-de ter por força morrido». «Não se pôde saber, com certeza». «Certamente era uma moça louca a que se matou desse modo».

d) *Satisfactorias*. — «Si houve 48 mortos, então não foi grave?» «Si não foi grave, então não sei o que é que se deve chamar de grave». *Não satisfactorias*. — «Devia se dizer cadaveres». «Foi decerto uma manobra errada do machinista que produziu o accidente». «Com certeza não se pôde prestar auxilio». «Foi um accidente». «Podia ter sido peor».

e) *Satisfactorias*. — «Si elle tinha morrido mesmo, como é que se pôde dizer que elle não se salvaria?» «Si levaram o homem para o hospital, é porque não tinham certeza que elle estava morto». «Deviam tel-o levado para o necroterio (ou para o cemiterio)». *Não satisfactorias*. — «Deviam ter levado o homem para a casa delle». (Porque?) «Para chamar um medico para tratar delle». (Si a resposta aqui fôr: «Para se tratar do enterro», etc., o test será +).

*Observações*. — E' o test das phrases absurdas sabidamente um dos de mais valia, pois independe da escolaridade, e mede, sobretudo, o criterio, o bom senso dos examinandos. A criança debil mental fracassa, em regra, na maioria das questões, embora, por vezes, em outros tests da escala, como por exemplo, nos de memoria immediata, tenha obtido optima qualificação. Lembra Terman que Binet inicialmente adoptara, para medir o poder de critica, certas questões capciosas,

como esta: «A neve é vermelha ou preta?» Os resultados foram decepcionadores. A criança, em geral, fosse por timidez, fosse por suggestibilidade, ou deferencia, não se animava a fugir do dilemma armado pelo examinador. Ora, está justamente averiguado que a deferencia se encontra, sobretudo, nos normaes. Agora, outro ponto. Já se observou que a questão da moça em 18 pedaços pôde ser impugnada, pois ha, hoje, machinas que possibilitariam no caso o suicidio. Talvez fosse, então, preferivel substituil-a pela dos «tres irmãos que eram dois», usada por Binet e suppressa por Terman, em attenção a argumentos idiomáticos, que deixam de ter applicação em portuguez. E teriamos uma «questão tragica» de menos, na serie.

### X — 3) — REPRODUZIR, DE MEMORIA, DOIS DESENHOS.

*Instrucções.* — Usam-se os dois desenhos classicos de Binet, porém de accôrdo com a collocação em que se acham nos cartões do material de Terman (com o signal X-3 situado para baixo e á esquerda). Quando se usem copias, tenha-se o cuidado de usar um cartão não transparente e fazer figuras da mesma forma, tamanho e espessura de linhas e tambem na mesma posição reciproca (a chave grega sempre á esquerda).

O examinador dará primeiramente um pedaço de papel liso, sem pauta, ao examinando, collocando-o sobre a mesa, em sua frente, e dirá em seguida: «*Eu vou mostrar a você dois desenhos faceis que estão no outro lado deste cartão (mostrando o cartão de pé, mantidas em horizontalidade as suas bordas maiores, com o lado em branco voltado para o examinando). Você vae olhar para estes dois desenhos com a maior attenção, porque eu vou deixar que você olhe apenas dez segundos — depois eu escondo o cartão, e você com este lapis (conservando o lapis consigo) vai desenhar, de memoria, neste papel, as duas figuras. Não esqueça que tem de olhar para os dois desenhos sómente alguns momentos. Vou virar o cartão! Prompto!*» O examinador, neste momento voltará para o examinando o lado desenhado do cartão, de modo que este continue de pé, na posição antes descripta, em condições de perfeita visibilidade, e immediatamente após começará a marcar com a outra mão os dez segundos no chronographo de bolso. Findo esse prazo, es-

conderá o cartão, e entregará, só então, o lapis ao examinando, dizendo-lhe: «*Agora você desenhe aqui as figuras, o melhor que puder, sem pressa nenhuma e com toda a calma.* Não se permite segunda tentativa.

*Avaliação.* — + si os dois desenhos fôrem reproduzidos, ou si, pelo menos, um delles estiver de todo correcto, e o outro *meio correcto*.

Admitte-se que a copia esteja *correcta* desde que o *plano geral* da figura tenha sido comprehendido e reproduzido, não se tomando em conta as imperfeições devidas á falta de habilidade motora ou á execução demasiado rapida. A copia estará *meio-correcta* quando succeda faltar ou estar deslocada alguma parte essencial do desenho, ou ainda quando existam partes adicionadas pelo examinando. Servirão de guia os desenhos classificados do material de Terman.

Aproveitando-nos da analyse de Burt, consideraremos do seguinte modo os defeitos que tornam *meio-correctos* os desenhos:

1) — Para a *chave grega*: a) omissão ou reprodução errada de uma das metades do desenho; b) omissão das tres linhas centraes; c) omissão de um ou reprodução errada de um ou de ambos os quadrados terminaes; d) curvas em vez de angulos rectos; e) inversão de toda a figura. Dois destes defeitos no mesmo desenho tornam-no inaceitavel.

2) — Relativamente á *pyramide truncada*, julgaremos o desenho incorrecto quando tiver quatro dos seguintes defeitos: a) omissão ou erronea lateralização do rectangulo interno (mudança da perspectiva); b) desenho de um quadrado ou de um rectangulo vertical, em lugar de um rectangulo horizontal; c) omissão de uma das doze linhas; d) junção das linhas de arestas da pyramide fazendo angulo no lado do rectangulo do plano superior; e) duplicação do tamanho relativo do rectangulo interior.

*Observações.* — Binet observou que o exito depende, nesta prova, de «*atenção, memoria visual e capacidade de analyse*». A aptidão para fazer uma analyse rapida, embora, ás vezes, inconsciente, é considerada o factor principal, pois como diz Terman, si os desenhos fôrem analyzados, será possivel reproduzil-os, valendo-se da memoria verbal da analyse. O trabalho mental do examinando, para ser efficiente, deve exercer-se agrupando ás linhas segundo suas relações

recíprocas, de modo que a varias linhas sejam dados valores unitários, com simplificação manifesta do *processus* mnemónico.

Nos primeiros exames de Binet, eram mais frequentes os erros com a grega que com a secção de prisma. Isso provavelmente se devia ao facto de que as crianças, pelo habito de se começar a leitura da esquerda para a direita, prestavam mais atenção ao desenho collocado á esquerda. De facto, tendo sido invertida a ordem de collocação, começaram os erros a equilibrar-se.

#### X — 4) — LER EM VOZ ALTA UM TRECHO FACIL, RETENDO OITO LEMBRANÇAS.

*Instrucções.* — O trecho usado é o mesmo de Binet, adoptado também por Terman, com pequenas modificações e por sua vez adaptado por nós á lingua portugueza. Denominamol-o o «*telegramma* de Paris»:

*Paris, 10 de abril.* — *Um incêndio, hontem, destruiu tres casas no centrô da cidade. Foi preciso algum tempo para o extinguir. As perdas foram de mil contos, ficando oito familias sem lar. Ao saivar um bêbê que dormia em seu berço um bombeiro queimou as mãos.*

O modelo da ficha deve ser impresso em typo grosso (ou dactylographado com todas as letras maiusculas) e deve conter barras dividindo as varias idéas ou factos do texto (lembranças) no proposito de facilitar a apuração do resultado.

Colloque-se, pois, a copia do trecho supra diante do examinando, que deverá estar sentado confortavelmente, em logar sufficientemente illuminado, e diga-se-lhe: «*Eu quero que você leia isto para eu ouvir, o melhor que você puder*». Ajude-se o examinando a pronunciar toda palavra em que elle hesite mais de 5 segundos. Anotem-se todos os erros cometidos, bem como o tempo exacto que tenha sido gasto na leitura. (Considera-se «erro» qualquer omissão, substituição, transposição ou má pronuncia).

O examinando não será absolutamente avisado de que se lhe vae pedir que reproduza o trecho lido. Logo, porém, que elle acabar de ler, retire-se o trecho de suas vistas, dizendo-lhe: «*Muito bem. Agora eu quero que você me diga o que é que você leu. Procure lembrar-se de tudo o que você leu, começando desde o principio da leitura*».

Quando o examinando parar, embora pareça ter já repetido tudo o que retivera na memoria, tente-se ainda obter

algumas lembranças, perguntando-lhe: «*E que mais?*» «*Não se lembra de mais alguma cousa?*» Não se proporcione qualquer outro auxilio. Quando o examinando silencia, é vedado dirigir-lhe perguntas como estas: «*E depois que é que havia? Onde eram as casas queimadas? Que é que aconteceu no bombeiro?*», etc. A reprodução deve ser espontanea.

Póde succeder, embora não seja frequente, que a criança hesite, ou até se recuse a fazer a tentativa, dizendo-se incapaz de acertar. Em taes casos, possivelmente a solicitação não terá sido comprehendida, pensando a criança, por exemplo, que se lhe exige a repetição do trecho, palavra por palavra, como no test de memoria para phrases. Deve-se então estimular um pouco o examinando, e repete-se: «*O que eu quero é sómente que você me diga tudo de que você puder se lembrar, mas você póde usar as palavras que quizer, não precisa dizer as mesmas palavras que você leu*». Outros pensam que se quer apenas uma synthese em poucas palavras do que vem narrado no trecho, e respondem: «*O telegramma trata de um incendio de varias casas*». Nesse caso repetem-se as instrucções, com emphase especial nas palavras: «*procure lembrar-se de tudo o que você leu*».

**Avaliação.** — + *si o trecho fôr lido em trinta e cinco segundos, com dois erros no maximo, e si a reproducção contiver, pelo menos, oito lembranças.*

Sublinhando no texto as lembranças reproduzidas correctamente, e entrelinhando as que apparecem seriamente deturpadas, será em geral facil apurar o resultado.

A principal difficultade na avaliação é o decidir se um dado factio foi reproduzido com correção sufficiente para que possa ser contado. Não se exige reproducção literal. A regra é contar todas as lembranças cujo pensamento haja sido reproduzido sómente com pequenas alterações de redacção. «*Foi preciso bastante tempo*», (ou certo tempo, ou um bocado de tempo, ou levou-se tempo), em vez de «*Foi preciso algum tempo*», é formula satisfactoria; do mesmo modo o são: «*para apagar o incendio*», em vez de «*para o extinguir*»; «*que estava dormindo em seu berço*», em vez de «*que dormia em seu berço*»; «*chegaram a mil contos*», em vez de «*fôram de mil contos*»; «*sem tecto*» (ou sem casa, ou sem ter onde morar, ou sem abrigo, ou na rua), em vez de «*sem lar*»; «*um grande incendio*», em vez de «*um incendio*»; «*quando estava salvando*» (ou quando procurava

salvar) em vez de «ao salvar»; «tres predios» (ou tres grandes predios, ou tres edificios, etc.), em vez de «tres casas»; «o fogo consumiu», em vez de «o incendio destruiu», etc.

Concede-se occasionalmente meio ponto ás alterações desta ordem: «quasi mil contos» e «mais de mil contos», em vez de «mil contos»; «dez familias», em vez de «oito familias»; «uma moça» (ou menino), em vez de «um bebê»; «em sua cama», em vez de «em seu berço»; «ao levar nos braços», em vez de «ao salvar»; «ante-hontem», em vez de «hontem».

Serão consideradas não satisfactorias as lembranças muito deformadas, como por exemplo: «uma porção de predios», em vez de «tres casas»; «um homem», em vez de «um bombeiro»; «que estava doente», em vez de «que dormia»; assim como todas as outras «invenções», por mais racionais ou verosimeis que sejam.

*Observações.* — Attendendo a que o exito nesta prova dependê em grande parte do grau de instrução do examinando, pôde parecer que não seja licito usal-a como medida da intelligencia. Terman nota, entretanto, não haver motivo para tal receio, pois as crianças de X annos com razoavel frequencia escolar durante tres annos, são, praticamente, sempre capazes de lêr o trecho em trinta e cinco segundos, sem mais de duas faltas — a menos que sejam retardados quasi nas fronteiras da deficiencia mental. Dentre as crianças d'aquella idade que viu fracassarem no test, o autor americano encontrou somente uma quarta parte d'ellas cuje fracasso provinha da incapacidade de satisfazer os requisitos da leitura, quanto ao prazo e quanto ao numero de enganos. Nos 3/4 restantes dos casos, as falhas tinham como causa a reprodução inadequada do trecho lido, peitencendo nitidamente os examinandos ao grupo dos retardados.

Podemos concluir, pois, que nas condições habituaes mencionadas o test mede, de facto, a intelligencia, e que, usado com a devida cautela, não é, talvez, inferior a nenhum outro da escala. Faz-se necessario apenas, nos casos de fracasso, apurar bem os dados relativos ao aprendizado da criança, na escola ou fóra desta. Será, alias, superfluo este pequeno inquerito quando o nivel do examinando baixe para oito annos ou menos no resto da escala. Ha uma boa regra pratica que consiste em omittir o test do calculo da idade mental si o paciente não teve frequencia escolar equivalenté a dois ou tres annos (Terman).

Tem sido affirmado por alguns autores que os tests em que o exito depende da habilidade em linguagem não pôdem ser legitimos tests de intelligencia. Segundo taes criticas dever-se-ia considerar o test de linguagem por assim dizer, como o opposto do test de intelligencia. Ora, diz Terman, é facil mostrar que é esse um ponto de vista superficial e psychologicamente injustificavel. Quem quer, de facto, que se tenha familiarizado com os dados do crescimento mental, sabe que certa destreza em linguagem é o *sine qua non* do pensamento conceptual. O crescimento da linguagem retrata fielmente o desenvolvimento total do psychismo. Poucas indicações mais seguras existem para julgar o estagio de maturidade intellectual de um individuo que o seu dominio da linguagem (*his mastery of language*).

O valor medio da leitura, por exemplo, exprime, com justeza o valor medio dos processos associativos. Associam-se as letras para formar as palavras, conjugam-se estas em grupos, constituindo as phrases. A recognição é, sobretudo, um processo associativo. Uma associação de idéas rápida e acurada traduzir-se-á por uma prompta recognição dos caracteres impressos. Desde que as unidades da linguagem (letras, palavras ou phrases) tenham associações mais ou menos preferidas conforme a sua habitual distribuição em unidades maiores, succede que na mente normal, sob condições normaes, essas sequencias predilectas de idéas despertam o complexo aperceptivo necessario a uma recognição rápida e facil.

E' razoavel suppôr que no psychismo subnormal as habituaes associações communs se acham menos solidamente fixadas, diminuindo, pois, a efficiencia da cambiante (*ever-changing*) expectação aperceptiva. A leitura é, portanto, em grande parte dependente do que James chama «franja da consciencia», e «consciencia do significado». Na leitura de um thema qualquer encadeado, cada unidade relaciona-se com numerosas tendencias. Quanto menor e mais isolada fôr a unidade, tanto maior será o numero de possibilidades. Cada unidade a mais actúa como um modificador, limitando o numero de tendencias, até que, por fim, no caso de uma grande unidade mental, teremos um conjuncto francamente utilizavel. Quando as mais logicas e satisfactorias d'essas associações sóbem facilmente da subconsciencia para a consciencia, a recognição é facilitada, dependendo do facto de terem as relações usuaes dos elementos deixado traços permanentes no espirito.

A leitura do subnormal offerece perfeita analogia com a leitura de trechos sem nexu pela gente normal. Ficou averiguado pela experiencia que semelhante leitura requer o dobro do tempo necessario á leitura de material coherente. Isso ocorre porquanto de milhares de associações possiveis com cada palavra, nenhuma associação particular vem a ser favorecida, na especie. A expectação aperceptiva, praticamente nulla na leitura de material sem nexu, deve ser sem duvida deficiente em todo mau leitor.

Ademais d'isso, no leitor commum existe o sentimento de «certo» ou «errado» em relação á sequencia das idéas lidas. Os individuos não intelligentes, ao contrario, possuem esse sentido de propriedade em grau muito menor, e isso o demonstram lendo tranquillamente certas palavras com taes mutilações de pronuncia que as privam de toda e qualquer significação. A transposição de letras e palavras, e a inobservancia das pausas da pontuação vêm indicar a mesma cousa. Em outras palavras, toda leitura do paciente estúpido effectua-se com material que é para elle mais ou menos destituido de sentido.

Um pouco de observação fará por certo comprehender que os retardados mentaes, ainda quando dotados de certa fluencia no reconhecerem palavras impressas, não conseguem apprehender matizes de significado. Sua leitura faz-se por pequenas unidades. As palavras e phrases não se fundem em um conteúdo mental, permanecem relativamente desunidas. A expressão é monotona e a voz tem muito da tonalidade artificial das «salas de aula». Leem mais devagar que os normaes, com mais frequencia adaptam emphase impropria ou accentuam erroneamente as palavras. Em summa, diz Terman, quem tenha perspicacia psychologica e esteja familiarizado com os padrões da leitura, poderá facilmente descobrir os symptomas da inferioridade intellectual com só ouvir lêr um breve trecho a um debil psychico.

A reproducção das lembranças é tambem significativa. Os debeis mentaes adultos, com boa escolaridade anterior, são por vezes capazes de lêr as palvras do texto fluentemente, mas em geral não conseguem fazer senão um magro relatorio de que leram. A capacidade attentional exhaure-se na simples recognição e pronunciamento das palavras. Em regra, quanto maiores são as difficuldades mechanicas que o paciente encontra, tanto menos adequada é a sua reproducção de lembranças.

O test tem, entretanto, um real defeito, observa Terman, e é o de offerecer certa vantagem ás crianças escolares, em cotejo com adultos *da mesma idade mental* cuja experiencia escolar já se acha algo distante. Os pacientes adultos tendem a fazer a sua exposição em forma menos literal. Torna-se preciso, pois, dar mais pontos, na avaliação, á reproducção das idéas do trecho do que ás «lembranças» estritamente literaes.

#### X — \*5) — COMPREHENSÃO, DO QUARTO GRAU.

*Instruções.* — São idénticas ás que foram adoptadas para os anteriores tests de comprehensão. Poder-se-á repetir qualquer das perguntas mas sua forma não poderá ser modificada. Não se permite explicação alguma visando facilitar a comprehensão da pergunta, excepto em relação á 3.<sup>a</sup> pergunta, que poderá passar a ter esta forma: «Porque é que nós devemos julgar uma pessoa mais pelo que ella faz do que pelo que ella diz?»

As questões para esta idade são as seguintes:

- a) Que é que você deve dizer quando pedem a sua opinião sobre uma pessoa que você não conhece bem?
- b) Que é que se deve fazer antes de começar qualquer trabalho difficil e importante?
- c) Porque é que nós devemos julgar uma pessoa mais pelos seus actos do que pelas suas palavras?

*Avaliação.* — + si pelo menos, duas das tres questões tiverem respostas accitaveis.

O estudo das respostas seguintes facilitará o julgamento:

- a) *Satisfactorias.* — «Digo que não conheço bem ainda esse menino». (42% das respostas correctas, segundo Terman). «Digo que prefiro não dar opinião». «Digo que perguntem a outra pessoa». «Não se deve fallar senão daquillo que se conhece». «Não fallarei mal d'elle, porque ainda não conheço bem quem elle é». «Procurarei saber quem é elle, para depois responder», etc. As respostas *não satisfactorias*, são devidas á incomprehensão do alcance da pergunta, ou á incapacidade de indicar qual o modo razoavel de proceder, em face da situação: «Digo que elle é uma bôa pessoa». «Digo o que eu pensar que elle é». «Digo que tenho bôa opinião sobre elle». «Digo que não me interessa». «Digo que não costumo fallar dos outros». «Não digo nada».

b) *Satisfactorias*. — «E' preciso pensar bem primeiro». «Deve-se primeiro experimentar a força nalguma coisa mais facil». «Pedir conselhos». «Estudar bem primeiro o que se deve fazer». *Não satisfactorias*. — «Principiar pelo principio». «Fazer o que seja direito». «Fazer logo e deixar de historias».

c) *Satisfactorias*. — «Porque ha quem prometta muita coisa boa e não faça senão cousas más». «Porque é pelos actos que se julgam as pessoas». «Porque não se deve acreditar sempre nos homens de bellas palavras». «Porque elle podia dizer cousas feias e não ser homem malvado». *Não satisfactorias*. — «Porque quem pratica bonitos actos mostra ter educação». «Si alguém não procede direito, tambem não poderá fallar direito». (a resposta estaria bem, para um examinando que fosse grande psychologo pratico). «Porque a pessoa póde ficar acanhada e não fallar bem».

*Observações*. — Veja-se o que foi dito em relação ao 5.º test dos IV annos, do mesmo typo que o actual.

#### X — \*6) — DIZER UM MINIMUM DE SEXTENTA PALAVRAS, EM TRES MINUTOS.

*Instruções*. — Dizer ao examinando: «*Eu quero agora vêr quantas palavras differentes você é capaz de dizer em tres minutos*». Quando eu disser: «*póde começar!*», você começará a dizer depressa todas as palavras que lhe vierem á cabeça, como: «cadeira, gato, nuvem, feliz», todas, emfim, de que você se lembrar. Eu irei contando, e, quando chegar ao fim dos tres minutos, então mandarei parar. Prompto? Então, póde começar!»

As instruções podem repetir-se, caso a criança fique com a apparencia de que não entendeu o que se lhe disse, o que, aliás, não é a regra, pois, pelo commum, as crianças não só entendem, como têm prazer no test.

O examinador não encara a criança nem lhe fala, excepto em todos os casos em que ella se detiver por cerca de quinze segundos. Neste caso, deve-se estimulal-a, dizendo-lhe phrases como estas: «*Vamos!*» «*Não pare!*» «*Eu sei que você ainda póde dizer ainda muitas palavras!*» «*Diga as palavras que você quizer!*»

Algumas crianças começam a inventar palavras, outras enunciam numeros, outras dizem nomes proprios, outras formam phrases, outras conjugam verbos, outras começam a contar todas as palavras que vão dizendo.

Em qualquer destas eventualidades, o examinador intervirá proibitivamente: «*Não pôde inventar! Não pôde contar! Numeros não servem. Tem que dizer sempre palavras separadas!*» etc. «*Vamos! Depressa!*» Descontam-se os segundos que então se gastem.

Quando possível, registem-se quaes foram todas as palavras ditas. Quando, por serem ditas muito rapidamente, não seja isso possível, é facil contar-as, fazendo um ponto a lapis, no papel, ao ouvir cada uma dellas. Em todos os casos deve o examinador fazer a lapis outro signal, de meio em meio minuto, para que se saiba nessa fracção de tempo, quantas palavras eram ditas, durante toda a experiencia. Além disso, sempre que o examinador notar, sem duvida, que uma das palavras já tenha sido dita antes, deverá indical-o por um signal differente (uma cruzeta, por exemplo).

*Avaliação.* — Desde que, pelo menos, sessenta palavras, excluidas as repetições, sejam dadas em tres minutos. Não é permittido aceitar vinte palavras em um minuto, ou quarenta em dois, como equivalentes ao total. Aceitam-se termos de calão e provincianismos, porém não palavras estrangeiras que não sejam usadas em nossa lingua correntemente.

*Observações.* — Terman admite quatro typos de resposta:

1) As palavras ditas expressam idéas completamente insuladas. Tal succede com crianças de 8 e 9 annos de idade mental. Dizem, por exemplo, *chapeu* e passam logo a outra palavra sem se darem conta de que os chapéus se differenciam entre si por sua côr, forma, etc., e que a enumeração de tudo isto daria uma vasta serie de palavras como *cartola, palha, carneira*, etc. (Binet).

2) Nesse typo justamente se encontram as pessoas que se aproveitam das associações da modalidade indicada por Binet: *lapis*, v. g., suggerê *escrever, papel, caderno*, etc. Terman, porém, observa com justeza que alguns adultos dão resultados muito deficientes, por não se decidirem a sacrificar a conexão logica entre as palavras ás exigencias da rapidez.

3) Outros pacientes começam a nomear sómente os objectos que estão á vista no local do exame. Este local, aliás, como é sabido, deve ter o menor numero possível de objectos, sob pena de serem, no caso, favorecidos uns examinandos e prejudicados outros.

4) A resposta abrange muitas palavras abstractas, ou pouco usadas. Este typo é considerado superior, sendo raramente encontrado por Terman em pacientes de nível mental inferior a 11 annos.

E' ainda de observar-se que raramente o numero de palavras augmenta depois do primeiro meio minuto. Terman observou as seguintes medias nos seis successivos meios minutos:— 18, 12 1/2, 10 1/2, 9, 8 1/2, 7. Kuhlman considera o test vencido apenas com 50 palavras, desde que entre ellas se encontre proporção consideravel de vocabulos abstractos ou não usuaes.

#### X — 1º TEST SUPPLEMENTAR) — REPETIR SEIS ALGARISMOS.

*Instrucções e avaliação.* — São as mesmas que as do 3º test do VII anno, com a excepção de serem dadas aqui sómente duas series, uma das quaes, pelo menos, deverá ser correcta, para que o test seja +. As duas series são as seguintes:

3-7-4-8-5-9 e 5-2-1-7-4-6

#### X — 2º TEST SUPPLEMENTAR) — REPETIR PHRASES COM VINTE A VINTE E DUAS SYLLABAS.

As tres phrases são as seguintes:

*As mangueiras davam sombra no lugar onde brincavam os meninos.* — (20 syllabas).

*Recebi uma carta de Lisboa, trazendo noticias dos amigos.* — (21 syllabas).

*Vou comprar amanhã um chapéu de palha para meu sobrinho José Pedro.* — (22 syllabas).

*Instrucções e avaliação.* — Exactamente como no 6º test do VI anno.

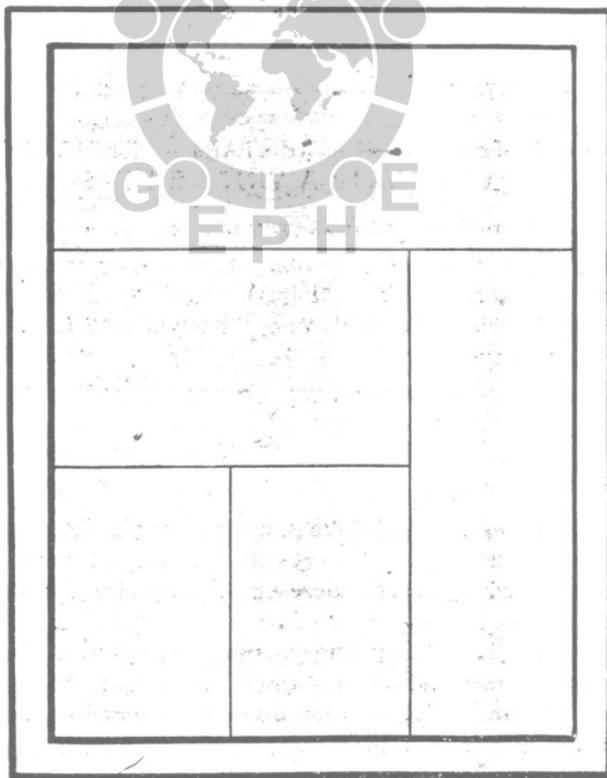
*Observações.* — E' interessante notar, diz Terman, serem necessarios cinco annos de crescimento mental para evoluir da capacidade de repetir dezeseis ou dezoito syllabas (VI annos) á de repetir vinte ou vinte e duas syllabas. O mesmo ocorre em relação á memoria para algarismos. Cinco algarismos são quasi tão facéis de reter aos sete annos, como seis aos X annos. Dois factores provavelmente concorrem para explicar a cousa: 1) o augmento da difficultade prende-se a menor rapidez do crescimento da memoria depois

dos VI ou VII annos; 2) o augmento da difficuldade será expressivo de uma condição intrinseca do poder mnemonico, ligada á maior extensão do material que tem de ser fixado.

E' sobretudo no caso de adultos retardados que se verifica a inferioridade da memoria verbal, em cotejo com a de crianças escolares da mesma idade mental.

X — 3º TEST SUPPLEMENTAR) — DECIFRAR UM JOGO DE PACIENCIA (PUZZLE HEALY-FERNALD, LETRA A).

*Material.* — Utilize-se o *puzzle* dos autores americanos Healy e Fernald, que qualquer pessoa póde facilmente construir (\*), bastando para' isso cortar uma taboa delgada, de 1/2 centimetro de espessura e tendo de extensão 10 cms. por 7 1/2 de largura em cinco blocos ou taboinhas quadrangulares com as mesmas dimensões verificaveis na figura ao lado, que é de tamanho natural. Obtidos esses blocos ou



taboinhas, faça-se uma caixinha rasa que os contenha na posição figurada ao lado e em suas intuitivas variantes. Haja cuidado em que a madeira não tenha veios ou nós, que se continuem em varias das taboinhas, pois isso póde facilitar singularmente a solução a qualquer examinando esperto.

*Instrucções.* — Colloque-se a caixa, vazia, na mesa, diante do examinando, tendo um dos lados menores voltado para elle. Os blocos achar-se-ão enfileirados ao lado da caixa, dispostos por ordem decrescente de dimensão longitudinal.

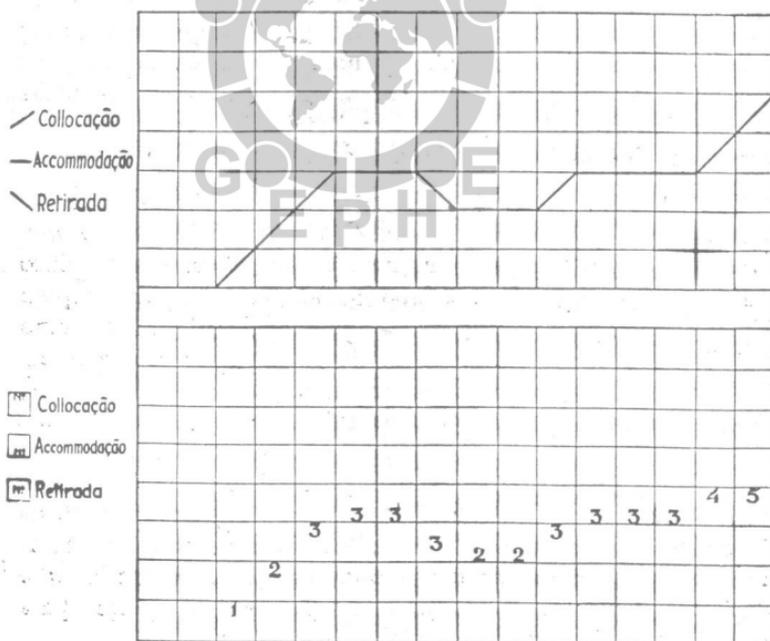
Deve ter havido o previo cuidado de evitar que o examinando haja visto o quadro formado, antes da experiencia. Diga-se então: «*Eu quero que você colloque estas taboinhas nesta caixa, de modo que todo o espaço fique occupado. Si você fizer isso direito, todas as taboinhas vão caber perfeitamente bem, sem ficar nenhum espaço vazio. Vamos! Póde começar.*». Não se diga ao examinando que se lhe vae marcar o tempo, ou que tem de andar depressa, porque isso perturba até os individuos intelligentes, levando-os, por vezes, a fazer multiplas tentativas erroneas, logo seguidas de correcções, em vez de fazer tentativas em menor numero, porém mais reflectidas.

*Avaliação.* — + si a criança collocar direito as taboinhas tres vezes num tempo total de cinco minutos, no maximo, para tres ensaios que tem de ser feitos. Nesses cinco minutos não se inclúe o tempo gasto pelo examinador para tirar as taboinhas e collocal-as novamente dispostas, como foi dito, sobre a mesa. Aconselhamos, além d'isso, que se registem por escripto, separadamente, os tempos de cada um dos tres ensaios. Quanto á avaliação «qualitativa» da capacidade do examinando neste test, recommendamos que na adaptação brasileira já se use o processo de registo graphico inventado por Strong e Gilchrist especialmente para tests d'esta indole, e que passamos a descrever. (E' importante observar aqui que o examinador deve conhecer perfeitamente as oito variantes correctas da solução do puzzle em apreço, para o que se terá exercitado antes).

(\*) O puzzle em questão existe feito na Casa C. H. Stoelting Co., 3037, Carrell Avenue, Chicago, 111, Illinois U. S. A.

Em uma folha de papel quadriculado (quadriculos de typo maior), o examinador, attento a todos os movimentos do examinando, vai registando-os, á medida que elles são executados, do seguinte modo: toda vez que ha «collocação» de uma peça dentro da caixinha, faz-se um traço diagonal para cima e para a direita, dividindo o quadriculo em dois triangulos; toda vez que ha «accommodação» de uma das taboinhas já collocadas na caixa, faz-se que a linha se adiante horizontalmente, na extensão de um quadriculo; toda vez que ha «retirada» de uma das taboinhas para fóra do rectangulo, a linha desce diagonalmente atravez de um quadriculo.

## PUZZLE A-DE HEALY-FERNALD



Graphicos para Avaliação Qualitativa, pelo  
Processo de **STRONG GILCHRIST**

A figura ao lado, em sua metade superior, dá conta dos seguintes episódios de um ensaio: — Tres taboinhas foram successivamente agarradas e collocadas na caixa; seguiram-se dois movimentos de accommodação; uma taboinha foi retirada da caixa; duas accommodações das duas taboinhas restantes foram realizadas em seguida; outra taboinha foi collocada no rectangulo; tres accommodações foram feitas; as duas ultimas taboinhas foram collocadas em posição. Esse registo pôde ser summariado assim: Collocações: 6 — Retiradas: 1 — Accommodações: 7. — Total: 14.

Pôde ainda o examinador adoptar outro criterio mais minucioso de registo graphico — representado na metade inferior da figura — que consiste em escrever numeros, em vez de linhas diagonaes e horizontaes, de modo que assim se registará qual taboinha era manuseada em cada movimento.

Nesse caso considera-se a taboinha maior como nº 1, as immediatamente inferiores como ns. 2 e 3, respectivamente, e as duas iguaes como 4 e 5.

Analyzando o graphico, apura-se o seguinte: a taboinha nº 1 foi collocada direito; a nº 2 foi collocada incorrectamente; a nº 3 foi tambem collocada incorrectamente; esta ultima foi «accommodada» duas vezes e depois retirada da caixa; a nº 2 foi «accommodada» duas vezes, ficando da segunda vez na posição justa; em seguida, a nº 3 voltou a ser collocada incorrectamente e foi «accommodada» tres vezes, ficando, enfim, da ultima vez em posição correcta; foram, por fim collocadas correctamente as taboinhas n.ºs 4 e 5.

Como se verá, na figura junto os numeros correspondentes a collocações, tocam a linha superior do quadriculo, os que correspondem a accommodações, tocam sua linha inferior, e os que representam retiradas estão situados na parte media do quadriculo.

*Observações.* — Quem se dêr ao trabalho de consultar o trabalho original de Strong e Gilchrist («The Psychological Review», May, 1917) verá que introduzimos pequenos aperfeiçoamentos em sua technica de registo graphico do presente test. Devemos ainda remetter o leitor interessado ao trabalho de Miss Gertrude Hall «Eugenics and Social Welfare Bulletin» nº 5, Albany, N. York, que estalonou cuidadosamente a prova. A correlação do *puzzle* com a intelligencia

não é alta, comparada a muitos outros tests da escala. Mas o facto de independer da actividade verbal e de visar a medida de um aspecto em geral descurado da intelligencia, fazem d'elle uma prova supplementar digna de ser conservada.

## XII ANNOS

### XII — \*1) — VOCABULARIO; DAR QUARENTA DEFINIÇÕES; 8800 PALAVRAS.

*Instrucções e avaliação.* — Como nos tests anteriores de vocabulario. Devem ser definidas, nesta idade, pelo menos quarenta palavras, das 100 da lista que se encontra na folha de exame.

### XII — 2) — DEFINIR PALAVRAS ABSTRACTAS.

*Instrucções.* — As palavras que o examinando terá de definir são:  *piedade, vingança, caridade, inveja e justiça.*

A formula é a seguinte:  *Diga-me o que é piedade. O que é que o Sr. entende por piedade? (ou vingança, caridade, etc.)* Si o sentido da resposta não fôr claro, peça-se ao examinando que explique bem o que quer dizer. Si a definição fôr dada com uma phrase que tenha incluída a propria palavra em apreço, como: «Piedade quer dizer ter piedade de alguém», «Vingança é tirar vingança», etc., será então necessario dizer: «Sim, mas que quer dizer ter piedade de alguém?» ou «Que quer dizer tirar vingança?», etc. Sómente se permitem questões supplementares d'essa especie.

*Avaliação.* — + si fôrem satisfactoriamente definidas tres das cinco palavras apresentadas. Não se exige que a definição seja estrictamente logica, nem que a linguagem seja elegante, (ou castiça), basta que o examinando demonstre conhecer o significado da palavra dada. As definições que recorrem a exemplos são accetaveis. Eis alguns typos de definições satisfactorias e não satisfactorias:

a) *Piedade.* — *Satisfactorias:* «Ter compaixão de alguém» (ou misericórdia, dó, pena). «Si alguém soffre, ter pena d'elle». «S a gente vê alguém soffer uma desgraça, fica-se sentido». «E' como quando se dá consolo a um pobre». *Não satisfactorias.* — «E' pensar nos pobres». «E' consolar alguém». «E' quando a gente se machuca, ou se fere».

b) *Vingança.* — *Satisfactorias:* «E' pagar na mesma moeda». «E' prejudicar a alguém que antes nos tinha pre-

judicado». «E' dente por dente, olho por olho». «E' ellas por ellas». «E' quando alguém nos dá, dar nelle tambem». «E' fazer aos outros o que nos fazem a nós». «E' desforrar-se». Não satisfactorias. — «E' fazer uma cousa com raiva». «E' matar alguém». «E' ter odio de alguém». «E' briga». «E' desprezo.

c) *Caridade*. — *Satisfactorias*: «E' dar esmola aos pobres». «E' dar a alguém sem querer pagamento (ou recompensa)». «E' ajudar aos que não têm recursos». *Não satisfactorias*. — «E' um lugar onde os pobres recebem comida de graça». «Caridade é ser bem tratado». «E' ser pobre». «E' ser caridoso». «E' ser bondoso». Nestes dois ultimos casos, pedir que o examinando explique melhor.

d) *Inveja*. — *Satisfactorias*: «A gente invêja alguém que tem alguma cousa que tambem se desejaria possuir». «E' quando a gente vê uma pessoa com mais posses ou em melhor posição do que nós». *Não satisfactorias*. — «Ter raiva (ou odio, etc.) de alguém». «Ter maus sentimentos contra alguém». «E' o que se faz com os inimigos».

e) *Justiça*. — *Satisfactorias*: «Dar a alguém aquillo a que elle têm direito». «Si alguém faz uma cousa má, e é castigado, fez-se justiça». *Não satisfactorias*. — «Quer dizer viver em paz». «E' onde está o Tribunal». «Ser honrado». «Proceder bem».

*Observações*. — O leitor poderá surprehender-se, diz Terman, de que a capacidade para definir as palavras abstractas communs se desenvolva tão tardiamente. Quasi todas as crianças que tenham vivido no usual ambiente domestico ou escolar, tiveram sem duvida ensejo de ouvir taes vocabulos innumeradas vezes, antes dos 12 annos de idade. Mostram, no emtanto, de modo inequivoco, as estatisticas concernentes ao test que antes d'essa idade as referidas palavras têm apenas um vago e restricto significado. E outros estudos sobre a extensão do vocabulario infantil confirmam o facto de modo tão categorico que, podemos dizer, será difficil encontrar outro character pelo qual uma intelligencia de 12 ou 14 annos mais uniformemente exceda o nivel mental de 9 ou 10 annos.

Será isso de prompto intelligivel quando considerarmos a natureza do significado abstracto e os processos intellectuaes que o condicionam. As ideas, na especie, ao envez de serem o resultado immediato de processos perceptivos,

como ocorre quando se trata de palavras concretas — *arvore, casa, etc.*, — representam um producto elaborado e secundario de connexões entre outras idéas. Requerem, sempre, processos logicos de comparação, abstracção e generalização, ainda inexistentes nas intelligencias immaturas. Não se pôde, por exemplo, *vêr* a justiça, mas todos nós nos temos encontrado em face de situações de que é um elemento a justiça, ou a injustiça; e dado certo grau de abstracção e generalização, deve emergir gradualmente de taes situações a idéa de justiça.

A formação e o uso de idéas abstractas, quaesquer que ellas sejam, constitúe, sem a menor duvida, «o mais elevado dos processos intellectuaes». Não deixa de ser significativo que os delinquentes fronteiriços da debilidade mental revelem nitidamente sua inferioridade, ao terem que generalizar assumptos referentes a afinidades moraes e sociaes. Ora, diz Terman, para um individuo que não tenha idéas claras, por exemplo, sobre justiça, lei, direitos de propriedade, etc., não poderão ter efficiencia as normas de proceder baseadas em taes noções.

Binet usava apenas as tres palavras *caridade, justiça e bondade*, exigindo duas definições certas. Terman eliminou o ultimo d'esses vocabulos, por ter observado que as mesmas crianças intelligentes perpetravam definições tautologicas: «Bondade quer dizer fazer alguma cousa boa». Essa tendencia a definir com as palavras da mesma serie verifica-se muito menos com as outras quatro palavras do test. *Piedade, vingança e inveja* são a esse respeito superiores a *caridade e justiça*.

## XII — 3) — A BOLA E O CAMPO — (PLANO SUPERIOR).

*Instrucções.* — Como no 1º test dos VIII annos.

*Avaliação.* — + si o examinando seguir um plano definido (plano superior ou valor 3 da escala de correcções de Terman).

## XII — \*4) — RECONSTRUIR PHRASES DESORGANIZADAS.

*Instrucções.* — Em uma folha de papel se acham impressos ou dactylographados os seguintes grupos de palavras, que representam phrases propositadamente desorganizadas:

UM DEFENDE FIEL SEU CÔRAJOSAMENTE DONO CAO.  
EXERCICIO QUE MEU PROFESSOR A PEDI MEU CORRI-  
GISSE.

BELLO PARTIRAM UM MADRUGADA NOSSOS AMIGOS  
PASSEIO PARA.

As soluções são, respectivamente: a) Um cão fiel defende corajosamente seu dono; b) Pedi a meu professor que corrigisse meu exercício; c) Nossos amigos partiram de madrugada para um bello passeio.

Note-se que as palavras apresentadas ao examinando, na folha de exame, devem ser dispostas exactamente em tres linhas, sem qualquer pontuação, e sendo *todas* ellas impressas ou dactylographadas com maiusculas, afim de não dar ao examinando uma indicação sobre a primeira palavra de cada phrase.

Não é permittida a substituição das palavras dadas por palavras manuscriptas, pois assim o test se torna mais difficil.

*Instrucções.* — Mostrando o primeiro grupo de palavras ao examinando, (os outros dois grupos estarão por enquanto fóra de suas vistas) dizer: «*Aqui está uma phrase com as palavras completamente misturadas de proposito, de modo que não fórma sentido assim como está. Si estas palavras todás, porém, trocarem de lugar, ficando collocadas em bôa ordem, ellas vão formar uma phrase muito direitta. Examine, pois, o grupo de palavras com toda a attenção e veja si você pôde dizer-me como deve ficar a phrase para poder ser lida e entendida.*»

Não se procure apressar o examinando, porque isso poderia produzir-lhe facilmente uma especie de inibição mental.

Si não houver solução satisfactoria, um minuto depois de lhe ter sido dada a primeira phrase, decifre-se esta então para o examinando, lendo-a pausadamente, e apontando para cada palavra pronunciada. Passa-se então á segunda phrase, e depois á terceira, concedendo o maximo prazo de um minuto para se achar a solução de cada uma (sempre, entretanto, sem dizer ao examinando que se lhe está marcando o tempo).

Não se proporcione outro qualquer auxilio. Em caso de resposta incorrecta, não se pôde conceder segunda tentativa, nem tão pouco dizer ao examinando phrases como esta:

«Veja bem o que você disse». «Você tem certeza de não ter esquecido palavra nenhuma?» Ao contrario d'isso, deve manter-se silencio absoluto. Póde, entretanto, o examinando fazer quantas combinações quizer entre as palavras de cada grupo, desde que assim proceda por sua propria inspiração e dentro do prazo concedido. Annote-se a resposta por inteiro, em todos os casos.

Outras vezes, o examinando julga, equivocado, que póde intercalar outras palavras entre as de cada grupo do test, para assim formar as phrases. Nesse caso, repitam-se as instruções e faça-se nova tentativa, começando, pois, a marcar o tempo de novo.

*Avaliação.* — + si, pelo menos, duas das tres phrases forem dadas correctamente dentro do minuto concedido para cada uma. E' excusado dizer que, si a primeira phrase tiver sido construida pelo examinador, as duas seguintes terão que ser construidas pelo examinando, sem auxilio.

A alteração, omissão, ou enxerio de qualquer palavra na phrase reconstruida, como igualmente a sua falta de sentido, são todas condições que tornam a resposta incorrecta.

No caso de respostas não absolutamente incorrectas, mas de construcção grammatical defeituosa, ou de sentido dubio, concede-se meio ponto. Por conseguinte, si o examinando obtiver um ponto em uma das questões, e meio ponto em cada uma das outras duas, o resultado do test será satisfactorio.

Eis alguns exemplos de respostas satisfactorias e não satisfactorias:

a) *Satisfactorias.* — «Um cão fiel defende corajosamente seu dono». «Um fiel cão defende corajosamente seu dono». «Um cão fiel corajosamente defende seu dono». «Um cão fiel defende seu dono corajosamente». «Corajosamente um cão fiel defende seu dono». «Um cão fiel corajosamente seu dono defende». *Meio ponto:* — «Um cão fiel corajosamente seu dono defende». «Corajosamente seu dono defende um cão fiel». «Seu dono defende corajosamente um cão fiel». «Seu dono corajosamente defende um cão fiel». «Defende corajosamente um cão fiel seu dono». «Um dono defende seu cão corajosamente fiel». «Cão fiel defende um seu dono corajosamente».

Observamos aqui, de uma vez por todas, que algumas d'essas phrases — dubias quando lidas só mentalmente — serão

satisfactorias desde que a *intonação* do examinando venha, por assim dizer, a pontual-as, dando-lhes um sentido aceitável. *Não satisfactorias*. — «Defende corajosamente um seu dono cão fiel». «Um seu cão defende dono corajosamente fiel». «Um don' fiel corajosamente defende seu cão».

b) *Satisfactorias*. — «Pedi a meu professor que corrigisse meu exercício». «A meu professor pedi que corrigisse meu exercício». «Que corrigisse meu exercício a meu professor pedi». «Que meu exercício corrigisse pedi a meu professor». «Meu exercício a meu professor pedi que corrigisse». *Meio ponto*: — «A meu professor que meu exercício corrigisse pedi». «Pedi a professor meu que exercício meu corrigisse». *Não satisfactorias*. — «Meu professor a meu exercício pedi que corrigisse». «Pedi que corrigisse meu professor a meu exercício». «Pedi que a meu professor meu exercício corrigisse». «Pedi que meu exercício corrigisse a meu professor». «Pedi a meu professor meu exercício que corrigisse». «Meu professor pedi meu exercício a que corrigisse». «A que corrigisse meu professor a meu exercício pedi». «Que meu professor a meu exercício corrigisse pedi».

c) *Satisfactorias*: — «Nossos amigos partiram de madrugada para um bello passeio». «Partiram nossos amigos de madrugada para um bello passeio». «Para um bello passeio partiram nossos amigos de madrugada». «Nossos amigos de madrugada partiram para um bello passeio». «Nossos amigos para um bello passeio partiram de madrugada». «De madrugada partiram nossos amigos para um bello passeio». «De madrugada para um bello passeio nosos amigos partiram». *Meio ponto*: — «Um bello passeio para nossos amigos (: ) de madrugada partiram». «Para nossos amigos um bello passeio (: ) de madrugada partiram». «De madrugada um bello passeio para nossos amigos (: ) partiram». (A intonação pontuará). *Não satisfactorias*. — «Partiram para nossos amigos de madrugada um bello passeio». «Para nossos amigos de madrugada partiram um bello passeio». «Partiram de nossos amigos para madrugada um bello passeio». «Nossos amigos para de madrugada um bello passeio partiram». «Madrugada para nossos amigos de um bello passeio».

*Observações*. — E' este um optimo test que não implica nenhum conhecimento que não possa ser presupposto nesta idade. D'ahi resulta que o exito na prova muito pouco depende da experiencia adquirida. O de que se lhe póde

fazer carga é de possivelmente sofrer a influencia da pratica anterior em leitura, por parte do examinando. Mas isso, diz Terman, não está demonstrado. De qualquer modo, o test preenche os requisitos mais importantes de um test de intelligencia, sendo sobretudo digno de nota, o facto de crescerem rapidamente e invariavelmente os exitos á medida da progressão ascendente de nivel mental.

Este experimento pôde ser considerado como uma variante do test de completamento, tendo sido, aliás, directamente suggerido a Binet pela prova classica de Ebbinghans.

Binet, em 1908, localizára a prova na idade de XI annos, passando-a na revisão de 1911, para os XII annos, onde tambem a fixam quasi todas as outras estatisticas citadas por Terman (Goddard, por excepção, encontra-a predominando aos XI annos). Terman observa que os experimentadores nem sempre têm usado o mesmo arranjo de palavras e que alguns tem apresentado as palavras de cada phrase dispostas em uma linha unica, outros em duas ou tres linhas. No primeiro caso, torna-se a prova um pouco mais facil.

## XII — \*5) — INTERPRETAÇÃO DE FABULAS (VALOR 4).

As fabulas usadas são as seguintes:

### A) — *Hercules e o carreiteiro romano.*

*Um carreiteiro conduzia a sua carreta por uma estrada cheia de lama, na roça, quando, de repente, a carreta parou por ter uma das rodas se enterrado profundamente no lamaçal. O homem só o que fez foi olhar para a carroça e pedir em alta voz a Hercules que o ajudasse. Hercules appareceu, olhou para o carreiteiro, e disse-lhe: «Meu amigo, mette o hombro na roda e grita com os bois para puxarem». Dito isto, Hercules foi-se embora, deixando o carreiteiro sósinho.*

### B) — *A rapariga e os seus projectos.*

*Uma rapariga carregava na cabeça um balde cheio de leite, dizendo consigo mesma: «com o dinheiro que tenho de receber por este leite, comprarei 4 gallinhas; as gallinhas hão-de pôr, pelo menos, 100 ovos; os ovos produzirão pelo menos 75 pintos; com o dinheiro que receberei pela venda d'esses pintos, poderei comprar um vestido novo, pois este que tenho já está velho e rasgado». Neste momento olhou para o vestido, imaginando o effeito que faria o novo. Aconteceu, porém, que, tendo inclinado demais a cabeça, o balde cahiu, e todo o leite derramou-se. E assim ficaram desfeitos num instante todos os seus bellôs projectos.*

## C) — O corvo e a raposa.

Um corvo, levando no bico um pedaço de queijo que tinha roubado pousou no alto de uma arvore. Certa raposa astuciosa, cobiçando o queijo, fallou ao corvo d'este modo: «Oh! como és bonito! E eu ouvi dizer que a belleza de tua voz é igual á de teu porte e tua plumagem. Não queres cantar alguma cousa, para que eu possa apreciar mais esta tua qualidade? Cheio de si com esses elogios, o corvo abriu o bico para cantar, deixando cair o queijo, que a raposa comeu immediatamente.

## D) — O lavrador e a saracura.

Um lavrador armava arapucas para apanhar os papagaios que devoravam o milho de sua roça. Junto com os papagaios cahiu uma vez, n'õ alçapão uma pobre saracura que, ao vêr o lavrador, protestou a sua innocencia, dizendo ser uma ave de bom character, e supplicando-lhe que lhe poupasse a vida. «Não, disse o lavrador, eu encontrei-te no meio d'estes ladrões, e portanto, tu tens de morrer com elles».

## E) — O moleiro, seu filho e o burro.

Um moleiro e seu filho conduziam um burro para a aldeia vizinha, afim de o venderem. Ainda não tinham andado muito, quando um menino os viu e exclamou: «Que homens bobos são esses, andando assim a pé, quando um podia ir montado no burro!» Ouvindo isso, o velho fez o filho montar no burro, continuando elle, porém, a pé. Pouco adiante encontraram varios homens, um dos quaes observou em voz alta: «Ora, vejam aquelle moço preguiçoso commodamente montado, enquanto o pae vae a pé». O moleiro fez o filho descer, e montou n'õ burro. Mais adiante, passaram por um grupo de mulheres, e uma dellas disse: «Velho preguiçoso, vais bem satisfeito, enquanto teu filho mal pôde acompanhar-te. Compadecido do filho, o moleiro o fez montar na garupa, e seguiram a viagem. Ao chegarem á aldeia, um senhor lhes disse: «Não tendes piedade do animal. Mais forças deveríeis ter para carregar um pobre burro do que elle a vós». «Muito bem, disse o moleiro, tentaremos fazel-o». E, em seguida, ambos apearam, arranjaram umas cordas, ataram o burro a uma vara, e levaram-n'o. Quando, porém, atravessavam uma ponte, o burro assustou-se, desembaraçou-se das cordas e cahiu no rio.

*Instruções.* — Apresentem-se as fabulas na ordem supra. Diga-se ao examinando: «Você sabe o que são jabulas? Já tem ouvido ou lido alguma jabula, não é?» E, sem esperar resposta, continua-se: «Pois, uma jabula é uma historia que nos ensina uma lição de moral ou moralidade. Eu vou lêr uma jabula para você ouvir. Preste bem attenção porque, quando eu tiver terminado, quero que me diga que lição a jabula encerra». «Prompto. Escute». Depois de lêr a jabula, pergunta-se: «Então, que lição de moral acha você que esta jabula nos ensina?» Registe-se, palavra por palavra a resposta

do examinando, e proceda-se semelhantemente com as outras: *Agora vou lêr outra fabula, para que no fim me diga a lição que ella nos ensina*».

Evitem-se tanto quanto possível quaesquer commentarios ou elogios, emquanto não fôrem lidas todas as fabulas. Si a primeira resposta fôr *fraca*, e nos manifestarmos satisfeitos, animaremos o examinando a persistir no erro. Por outro lado, não se deve nunca expressar desagrado pela resposta, por absurda ou disparatada que ella seja. Muitos examinandos ficam anciosos por saberem como se sahiram da prova e perguntam: *Está certo?* Basta responder: *«Você vae indo bem, sim»*, ou cousa que o valha. Mantenha-se todo o dominio de si mesmo, afim de que as condições do test sejam uniformes para todos os examinandos.

A unica occasião em que se permite uma questão suplementar é no caso de resposta cujo sentido não seja claro. Ainda então deve usar-se de toda cautela, falando ao examinando mais ou menos nestes termos: *Não entendo bem o que o Sr. quer dizer. Explique-se melhor*». A avaliação do presente test offerece certas difficuldades e muitas vezes é só por essa questão suplementar que se pôde emitir juizo definitivo sobre as respostas.

*Avaliação.* — + si o examinando de XII annos obtiver, pelo menos, *quatro pontos*, o que equivale, ou a duas respostas correctas, (cada uma vale dois pontos) ou a uma resposta correcta e duas meio-correctas, (cada uma d'estas ultimas vale um ponto).

A resposta será tida como correcta (dois pontos) quando a fabula fôr bem interpretada e a respectiva moralidade expressa em termos geraes.

Quanto ás respostas meio-correctas (um ponto), pertencem ellas a dois typos principaes: a) interpretações expostas em termos geraes e **perfeitamente** plausiveis, porém não de correcção absoluta; b) interpretações correctas em essencia, porém não generalizadas pelo examinando.

Não se levam em conta **possiveis** defeitos de expressão, senão unicamente o sentido essencial da resposta. O unico meio de aprender a bem **julgar** as respostas é o estudar numerosos exemplos já classificados. Vejamos, pois, uma boa serie d'elles, em sua pluralidade colhidos de nossa pratica no Brasil.

A) — *Hercules e o carreteiro romano.*

a) *Satisfactorias.* — *Dois pontos.* — «Não devemos esperar pelos outros, nas horas das afflicções». «Ajuda-te que Deus te ajudará». «Não devemos esperar que caiam do ceu os auxilios, é preciso que nos esforcemos para obter o que necessitemos». «Cada um faça por si». «Sim, devemos fazer as cousas sósinhos, nem que tenhamos de lutar».

As respostas seguintes ainda devem valer dois pontos, embora possam ser tidas como levemente inferiores: «Devemos confiar em Deus, pois d'elle virá a força, e não pedir auxilio a quem não nos pôde soccorrer». «Hercules achou que o carreteiro deveria empregar para suspender a carroça a mesma força que os animaes, porque nada se consegue sem esforço».

*Um ponto; valor 1.* — Aqui se encontram geralmente as respostas que contêm a idéa justa, mas que a expressam figurando apenas a situação concreta, v.g.: «A custa do seu esforço proprio, elle conseguia o desejado intuito».

*Não satisfactorias.* — *Valor 0.* — Os erros enquadram-se em 5 variedades principaes, segundo Terman: (1) interpretações generalizadas, mas que fogem por completo ao thema; (2) interpretações não sómente inadequadas como expressas em termos da situação concreta; (3) observações desassizadas ou incoherentes; (4) esforços para reproduzir a fabula; (5) incapacidade de responder.

Exemplos de erros do typo (1), *sc.*, de generalizações de todo em todo incorrectas: «Vale mais a prudencia e bom siso do que a força». «A vontade e a persistencia dão ao homem aquillo que deseja». «Muitas vezes mais vale o geito que a força; um simples impulso com os animaes e a roda estaria fóra do lamaçal». «A moralidade é que devemos de ensinar».

(*Continúa em numero seguinte*)

# TRABALHOS DE ANTI-ALCOOLISMO

## MALEFICIOS DO ALCOOL (\*)

PELO

PROF. F. ESPOSEL

Eu não compreendo a vida sem idealismo; não a admitto sem que, ao par da actividade que cada um deve exercer para manutenção de sua existencia e da existencia de sua familia, o homem realize desprendidamente obras de altruismo, em particular de aperfeiçoamento para o bem do proximo, para o bem da patria, para o bem da humanidade!

Nesse sentido por multiplas veredas se póde orientar a acção bemfazeja: nas associações scientificas, nas instituições religiosas, no magisterio, nas tribunas de repercussão social, nos livros, na imprensa, nas sociedades beneficentes, nos clubs desportivos e em outras circunstancias de logar, onde se procura o apuro physico, intellectual e moral do proximo.

Si me permittis, pois, com vossa presença, satisfazer a uma tendencia e a um anhelto de meu feitio affectivo, motivo grande eu encontro nessa honra e nesse prazer para vos agradecer, profundamente.

Realmente vou procurar dentro em breve dar-vos uma noticia embora leve dos maleficios que o alcool produz no organismo humano porque assim pretendo concorrer para dar-vos armadura de que tendes necessidade para combater um dos grandes flagellos da humanidade, o «demonio da humanidade», como Belisario Penna denominou ao alcool ou ás bebidas alcoolicas.

Este trabalho, a que no momento me entrego, é absolutamente necessario, qualquer que seja o systema adoptado para a luta anti-alcoolica: ou o systema indirecto, de taxação, de brandura, persuasivo, educativo, numa propaganda esclarecedora, ou o systema directo, prohibitivo, que os Estados Unidos, paiz dos grandes e arrojados emprehendimentos e das medidas radicaes, tiveram a coragem de promulgar.

Penso — sem que esse pensamento assuma a feição de uma convicção acabada — que a «lei secca» mal medraria no nosso meio, dada a indole ou melhor o momento de educação do nosso povo; ou ainda melhor, que para se chegar ao systema prohibitivo ter-se-ia

(\*) Conferencia realizada em 9 de Fevereiro de 1926, na sede do C. R. Flameago.

de passar pelo systema indirecto, em que a educação e a propaganda desempenharão papel importantissimo. Mesmo em plena vigencia de uma «dry-law» a instrucção popular é de todo necessaria para que bem se comprehenda o alcance da medida e se mantenha a uma sujeição docil e esclarecida.

— No ponto de vista chimico — appello para os chimicos do auditorio — alcool representa uma função cujos representantes têm a propriedade de se unirem aos acidos, formando étheres. Ha, pois, muitos alcoes, mas essa expressão, em linguagem commum, e desacompanhada de qualquer adjectivo, refere-se ao alcool ethylico ou vinico; os outros são denominados amylico, propylico, butylico, etc.

O termo vem do arabe, e para uns significa «subtil», seria expressão usada para todas as substancias em estado finamente pulverulento; Hoefler em sua Historia da Chimica proclama que o nome deriva do chaldeo, significando qualquer coize que queima, implicando a idéa de consumpção.

O alcool forma-se pela fermentação — chamada alcoolica — de certas substancias.

É fermentando o caldo de canna que obtemos o alcool no Brasil. Outras bebidas são aqui preparadas, mesmo em habitos caseiros, onde alcool, em proporção pequena, se encontra; assim quem não conhece a «champagne de abacaxi» que se obtém deixando fermentar as cascas desse fructo, postas de molho; ou o «aluá» feito com a fermentação do arroz; no Brasil, os selvagens usavam bebidas resultantes da fermentação de mandioca, milho, genipapo, batata doce, cajú, etc.?

Aliás é de priscas éras que se usam as bebidas fermentadas. O uso entrou nos ritos religiosos; já não digo nos da religião catholica, em que se symbolisa e consubstancia o sangue de Jesus, por Elle assim transformado na ultima ceia com seus discipulos, e hoje ainda servido no altar aos sacerdotes que celebram o Santo Sacrificio da Missa; em outras religiões o uso de alcoolicos tem sido justificado pelo culto a numes, como Brahmá, a cujo nome têm recorrido empresas commerciaes.

As bebidas alcoolicas com que a industria envenena a humanidade são preparadas umas por fermentação, como o vinho e a cerveja; outras por distillação após a fermentação, como o cognac, como paraty ou cachaça ou aguardente que é tambem baptisada com uma riquissima synonymia, mais ou menos pittoresca; outras, além do alcool, contém essencias que augmentam consideravelmente a acção perniciosa delle, sendo, muitas vezes, conhecidas por nomes mystificadores de sua nocividade, taes como aperitivos, amargos, etc., assim: o absintho, os vermouths e uma série enorme de drogas que enchem prateleiras dessas boticas do mal, permitindo misturas as mais numerosas e complexas para excitar paladares embotados ou pervertidos. No fabrico de algumas dessas bebidas a fermentação produz uma quantidade variavel de gaz carbonico e temos então a cerveja, os vinhos espumantes, a champagne.

A essas bebidas ha uma adaptação e o habito as espalhou pela superficie da terra: na Russia é o vodka, na Inglaterra é o whisky, alli é o kirsch, acolá é o kummel, além é o gim ou o bitter; quem não

sabe que no interior do nosso Brasil querido, a cachaça é em muitos logares, ao lado das endemias reinantes como sobretudo as verminoses intestinaes, principalmente a **opilação**, e o impaludismo, não só a causa do enfraquecimento, da anemia, da falta de productividade, da preguiça dos nossos patricios, como tambem o factor do aniquilamento, da degeneração da nossa raça! Em uma recente entrevista dada a «O Globo» eu disse: «Repare na **roça**, pelo caminho, de espaço a espaço, uma tendinha que pôde não ter pão, mas tem cachaça; onde pouco se come, mas muito se bebe, durante todo o dia, até ás tantas da noite»,

**Minhas senhoras e meus senhores:** Os maleficios do alcool podem manifestar-se de uma maneira immediata, aguda, ou de modo arrastado, demorado, mas tambem **persistente** ou chronico.

Agudamente podemos **observar** vomitos ou outros disturbios gastricos, intestinaes, hepaticos, **cardiacos**, renaes, mas as manifestações dominantes apresentam-se **para** o systema nervoso, sob a fórma da embriaguez.

Vêde como é ridicula a embriaguez: um individuo começa a se mostrar gaiato, mas muitas vezes sem graça, si não para a chalaça, sem commiseração dos circumstantes; depois vira valente, esbraveja, quer dar pancada em todo o mundo; a intoxicação continua quebra-lhe a força muscular e a energia nervosa e a fera de ha pouco torna-se docil, obediente, humilde e pôde até ser conduzido por uma creança; vem, então, o somno em que o desgraçado transforma em leito a calçada da rua, o andar **terreo** de uma mesa de cabaret, ou o banco de uma qualquer praça publica; tal seja a quantidade do toxico, a coexistencia de outros venenos, a falta de resistencia individual, o facto é que desse estado a que se denomina coma, e que o saudoso Mestre Suno de Andrade, uma vez disse dever antes ser chamado **beba** alcoolico, o paciente pôde passar á morte e não são raros casos taes na observação dos serviços de Assistencia Publica e na pratica hospitalar.

O rebaixamento moral a que se submete o embriagado sujeita-o a comparações zologicas nas varias phases da embriaguez: a primeira é a phase do macaco, da **graça**, da imitação; a segunda, é a do leão; da briga, da pancada; a terceira é phase da humildade, da humilhação, da covardia, da obediencia **céga**, da docilidade, é o periodo do carneiro; finalmente, o somno, o ronco, caracterizam a phase ultima do porco. A sensibilidade ao alcool varia com os individuos; para ella concorrem a hereditariedade, o **sexo**, a idade, a vacuidade gastrica á coexistencia de outros venenos **externos** (cocaina, ether, morphina, etc.) ou de origem interna resultantes do máo funcionamento do fígado ou rins. Essa maior ou menor resistencia ás manifestações da intoxicação alcoolica serviu para o povo distinguir os «cabeças fortes» dos «cabeças fracas». A todos, porém, com ou sem manifestações apparentes, o alcool causa os seus efeitos maleficos.

Convém saibaes tambem que não sendo normal o estado de embriaguez, dá-se, pois, impropriamente a designação de embriaguez pathologica a um estado de **violentas** manifestações musculares, aggressivas, despertadas pela ingestão de pequena quantidade de alcool que se revela em certos individuos, muitos dos quaes occupam hoie os car-

ceres das prisões, pois que são levados aos crimes de morte, ou de ferimentos quasi sempre graves.

Antes de lá chegar vêde a falta de compostura do alcoolizado, mostrando-se, aliás, como elle é, ou mal educado ou sensual ou pornographico, porque lhe falta o dominio sobre si mesmo que nunca se deve perder, porque se ausentou o self controle, ou o freio da bôa conducta e das conveniencias; vêde o alcoolizado fallar muito mais do que deve, sem poder guardar os pensamentos que todos nós temos a povoar o recesso de nossa intimidade e que não devem vir a lume, sem conservar no ambito da reserva os segredos proprios ou os segredos alheios.

Eu vos garanto com a força de modesto psychologo que neste numeroso auditorio não haverá siquer uma pessoa que não tenha qualquer ou quaesquer pensamentos ou factos que desejam conservar occultos no mais completo e escuro segredo. Pois bem, sabeí que o alcool rompe os diques da reserva, e nelle, a vossa consciencia turva, a vossa vontade ausente não impedirão a exteriorização das vossas intimidades. Cuidado! Já os antigos proclamavam: *In vino veritas!*

Para vos dar uma pallida e rapida idéa dos maleficios do alcool, occorrendo chronicamente, isto é, após muitas libações e prazo razoavel de tempo, eu vou acompanhar o trajecto de uma porção de alcool através o organismo e os estragos que ella vai deixando atrás de si.

Passada a boca, mesmo antes de chegar ao estomago, produzem as bebidas alcoolicas uma tal irritação no esophago, que se traduz por uma sensação de ardencia, de queimadura, cuja designação technica se faz com o termo «pyrose». As glandulas dessa parte do tubo digestivo, bem como as do estomago excitadas por essa irritação secretam exaggeradamente e é muito frequente vermos os alcoolatras chronicos vomitar pela manhã uma aguadilha, ás vezes abundante, amarga, a que se dá o nome de pituita matutina. Nem sempre tem os caracteres de um vomito; é uma regurgitação: sae, sem nauseas, como si o individuo eliminasse da boca uma porção d'agua que pouco antes tivesse guardado. No estomago o alcool produz inflammação que causa dôres, que augmenta a secreção aquosa, que dá a intolerancia: é a gastrite.

Absorvido no estomago e no intestino delgado, o alcool dirige-se por um caminho natural na organização humana para uma importantissima glandula que é o figado e que entre multiplas e valiosissimas funções possui a de auxiliar a digestão e de combater os toxicos.

É de descripção classica e antiga que o alcool endurece o figado, o qual ora reduz-se em tamanho, ora augmenta consideravelmente, mas fica lenhoso, empedernido: ha como se diz em Medicina a esclerose ou cirrhose hepatica. Hoje ha quem proclame com muito ardor — e entre elles o nosso Mestre Miguel Couto — que o alcool é menos esclerosante do que esteatosante, e isto quer dizer que elle muito menos endurece do que transforma o figado em uma massa de gordura, degenerando-o. Seja como fór, as consequencias são que o figado passa a não exercer ou a exercer mal as suas funções: manifestam-se perturbações digestivas, com uma incapacidade ou lentidão no desdobramento dos alimentos, uma pallidez especial quando não mesmo

uma côr amarella (ictericia) se revela na pelle e ainda mais no branco dos olhos, além do disturbio nas outras importantes funções do órgão, que, tudo, revela o accentuado estado de insufficiencia funcional do órgão.

Duro ou gorduroso, a circulação torna-se difficil e as veias porta e cava inferior — duas volumosas veias da economia — ficam turgidas de sangue.

E como incha um braço ou uma perna na qual a circulação se difficulta porque se amarrou um cordão, tambem aqui das veias transuda não todo sangue, mas a parte aquosa ou sôro que se vai depositar no abdômen, na cavidade peritoneal e o povo chama «barriga d'agua» e os medicos denominam «ascite».

Como consequencia ainda da lesão do figado e dos intestinos podemos ainda observar prisões rebeldes de ventre ou diarréas renitentes, de irritação ou toxicas.

Mas o alcool não pára no figado; pela veia cava superior sóbe ao coração que soffre horrivelmente; primeiro, deposita um excesso de gordura nas suas paredes: adipose; depois, as proprias fibras transformam-se em gordura: esteatose; augmenta de volume, toma proporções enormes, merece a designação de coração bovino. A cerveja é das bebidas alcoolicas a que mais augmenta o coração, tanto que esse evento é commum na Alemanha onde o chamam coração de cerveja ou Herzbier, ou então coração de Munich, porque era essa cidade tedesca de «Munchen» que batia o «record» no consumo da referida bebida. Consequencia: dilata-se com facilidade o referido órgão central da circulação, o que no sentido litteral das palavras constitue um caso sério.

Pelos pulmões se eliminam os vapores do alcool; quem não sentiu o bafo de alcool dos ethylists habituaes? Para provar com um só exemplo os maleficios nesse órgão, basta que eu vos registre a gravidade que assume nos alcoolistas a infecção pneumonica; perante o alcool os microbios dessa infecção fazem o papel de uma chamma: incendeiam o pulmão do paciente e fazem-no pegar fogo em pouco tempo.

Os rins, que constituem outra via de eliminação do alcool, são commumente irritados e a nephrite chronica, a degeneração dos rins, verificam-se com frequencia na sequella do alcoolismo; mesmo não sendo medicos, certo tereis visto o triste final de alcoolistas, inchados horrivelmente, com um ventre enorme cheio de liquido que atinge a 15 e 20 litros, rosto tumido, palpebras empuççadas, com dyspnéas ou falta de ar, tudo por conta de lesões dos rins e do coração.

Deixe para o fim os musculos e o systema nervoso que nos interessam mais de perto. Embora haja uma idéa de maior energia após a ingestão de uma certa porção de bebida alcoolica, ella não é senão apparente, falsa, illusoria. Alguns dos senhores que praticam desportos ou fazem exercicios physicos terão talvez experimentado a verdade dessa affirmação. E comprehendeis facilmente si soubédes que o musculo trabalhando fabrica substancias toxicas a que se vae juntar o alcool, outro toxico, na hypothese da ingestão. Sabeis tambem que a fadiga é manifestação de uma intoxicação resultante do tra-



frio, dores, tremores, paralyrias, atrophias musculares, retracções tendinosas, que tudo se inclui no quadro das polynevrites, as quaes diffi-cultam consideravelmente ou impedem em absoluto qualquer trabalho, jungindo taes pacientes ao leito por longo prazo.

Mas tambem o systema nervoso central pôde ser atacado: as hemorragias cerebraes, pequenas, multiplas ou grandes, destruidoras, podem reconhecer o alcool como causa.

De todos os disturbios nervosos, porém, os mais degradantes são os que se reflectem no cerebro e alteram as funcções mais nobres da organização humana, taes como as qualidades intellectuaes e suas características moraes.

Experiencias de psychologia provam o que perde a memoria, a attenção, a associação de idéas, o raciocínio, a associação de idéas, o raciocínio, o julgamento, os sentimentos de ethica e esthetica!

É o caminho da loucura! Aliás houve quem dissesse: «o alcool é a loucura engarrafada».

Realmente as falhas psychologicas referidas são seguidas de outros disturbios mais accentuados, as allucinações da vista e do ouvido, quasi sempre de character terrorista. O paciente vê perto de si bichos que não têm existencia real, mas que avançam ferozes, de de garras afiadas contra elle, phantasmas medonhos, etc., e tudo isso traz o desgraçado em apuros, no meio de sustos, temores, sem poder conciliar o somno. Para piorar esse quadro o paciente é presa tambem de allucinações do ouvido: vozes — que não existem — chegam-lhe, entretanto, aos ouvidos, sempre pouco amigas e benevolas: são pessoas que o xingam dos nomes mais feios, que o accusam dos mais horrendos e renegados crimes; essas vozes, implacavelmente, em qualquer momento, em qualquer lugar, proclamam-no de ladrão, assassino, e de autor de outras faltas detestaveis. Essas vozes poderiam talvez ser abafadas si viessem de fóra, mas, sem que os pacientes tenham consciencia, desgraçadamente, ellas só existem dentro de suas cabeças.

A loucura alcoolica tem ainda outras manifestações, assim o delirio de perseguição, em que os pacientes se consideram victimas da mal querença deste ou daquelle; o delirio de ciume em que o alcoolatra attribue á sua esposa innocente intenções ou relações des-honestas, ás vezes, até absurdas!

Dessas allucinações, desses delirios de perseguição e de ciume, como reacção até certo ponto logica, dentro do absurdo, os pacientes passam innumeradas vezes ao crime.

Eu já tive occasião de servir com meu illustrado collega e amigo Dr. Ernani Lopes, actual e prestante presidente em exercicio da Liga de Higiene Mental, como peritos em caso de uxoricidio por delirio de ciume em um alcoolista chronico, caso tambem muito conhecido do notavel advogado que tenho a honra de vêr neste auditorio, o Sr. Dr. Evaristo de Moraes.

Tratava-se de um homem intelligente, poeta, redactor de debates da Camara Federal. O seu ciume era infernal, absurdo: a parada á espera de um bonde era motivo para pensar que as pessoas ao lado lhe queriam namorar a mulher; de uma feita, sahi escandalosamente em meio de uma representação lyrica, puxando pelo braço a esposa desafor-

tunada, á qual attribuiu intenção de namorar o tenor da peça, porque lhe assestou mais demoradamente o binoculo! Uma janella mal fechada era julgada como servindo a avistar alguém na rua ou na vizinhança.

Uma bella noite, ao chegar á casa, um tiro de revólver poz ao mesmo tempo fim a esse ciume pathologico, termo a uma vida em flôr, ponto a uma existencia tão infeliz, e levou ao presidio uma desgraçada victima do alcool.

Antes de chegar lá, a moral se mostra degradada: no desalinho e no descuido do vestuario, na incapacidade para o trabalho, na tendencia á vadiagem, na falta de pudor em pedir a um conhecido uma esmola vil, na ausencia de escrupulo para as transacções mais ignobeis, na pratica do roubo, na affirmação da mentira, na perda da vergonha, no aniquilamento do character, na perversão mais completa da moral! Tambem alguém já disse: «o alcool é o pae do crime!»

Esses miseraveis gozadores do alcool caminham rapido para o cemiterio com escala pelo hospicio ou pela prisão. Em meio do alcoolismo chronico, ocorre muitas vezes um surto agudo em que o paciente se excita, tem visões horriveis, treme da cabeça aos pés e realisa um quadro essencialmente dramático ou dantesco: é o delirium tremens.

Mas o alcool abominavel não pára ali seus maleficios; leva-os além da morte do infeliz que victimou, pois que com um ferrete de miseria marca os descendentes d'elle. A epilepsia é a regra nos filhos dos alcoolatras. Elles mesmo soffrem muitas vezes de epilepsia. Vêde a excellente these do Dr. Roberto Duque Estrada apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em que se accentua sobretudo a acção convulsionante do absyntho, o «veneno envenenado», na expressão pittoresca de Jacquet.

A imbecilidade, a idiotia, as creanças que nascem com defeitos monstruosos tudo isso pôde ser consequencia do alcool. Feré impregnou ovos de animaes com vapores de alcool e os animaes nasceram cheios de defeitos.

— Já vac por demais longa esta palestra. Restringirei pois a extensão de um programma que havia traçado. Tal é o aspecto economico que o alcool desperta e que só elle merece ser o assumpto de uma conferencia de alguém com capacidade. Por ella vereis que é uma illusão a vantagem dos impostos hauridos por uma nação fortemente productora de bebidas alcoolicas: o dinheiro se descompensa na diminuição da producção nacional pelo desvalor de seus habitantes e se escõa nos maiores dispendios com uma policia mais numerosa, com as prisões, com os manicomios, com os asylos de degenerados e incapazes mentaes.

Não me demoro tampouco na consideração de que o alcool pôde ser alimento. O que Duclaux provou scienticamente é que o alcool queimando no organismo dá calorías, como hydrocarbonado que é. É uma verdade scientifica, mas não é um alimento pratico e sim, uma mentira biologica e social como proclama Louis Renon. Elle se comportaria numa machina, como um combustivel, realmente, mas de pessima qualidade e que estragaria o motor.

Meus senhores! Estaes rapidamente esclarecidos dos grandes maleficios do alcool.

Na vida um factor de victoria, em qualquer sentido que ella se exerça, decorre de uma firme educação da vontade. Exercitae vossa vontade na resolução perfeita de um proposito inabalavel: fazer um carnaval sem alcool, brincar em perfeita consciencia, «brincar sem beber», como ainda hoje propõe Mauricio de Medeiros no «Diario de Medicina».

E depois... continuae por toda vida esse proposito!



## SECÇÃO DE INFORMAÇÕES BIBLIOGRAPHICAS

---

*A Liga Brasileira de Hygiene Mental, ha mais de tres annos, inaugurou em sua sede, uma sala de leitura especiali- sada em assumptos de hygiene mental e sciencias correlatas, pondo-a, desde então, á disposição do publico interessado.*

*Sua bibliotheca, embora modesta, é, certamente, no ge- nero, uma das melhores do Brasil e até da America do Sul, contando grande numero de obras escolhidas de autores de nomeada na litteratura scientifica mundial.*

*Com o intuito de melhor servir aos illustrados leitores dos «Archivos», foi creada esta secção permanente de informa- ções bibliographicas na qual se responderá, com regularidade, a qualquer consulta que nos seja feita, com referencia a traba- lhos relativos á Hygiene Mental e sciencias affins.*

*Quem desejar, pois, dedicar-se aos estudos de neuro- psychiatria, psychologia, psychanalyse, pedologia, eugenia, pue- ricultura, educação, orientação profissional, etc., poderá utilizar- se com vaniagem do presente serviço informativo. Para esse fim, basta escrever a esta redacção, enviando, junto, o bilhete que publicamos noutro local.*

*As respostas apparecerão nos numeros seguintes da revista.*

### **Respostas :**

*Sra. M. P. — (Aven. Rio Branco — Rio) A Liga, de facto, annunciou o proposito de traduzir o excellente livro de Miss Cora Frances Stoddart, já trasladado para o idio- ma hespanhol por 3 Republicas Latino-Americanas, Mexico, Chile e Perú, sob titulos aliás, levemente differentes: «Ma- nual de Verdades sobre el Alcohol», «Verdades Modernas sobre el Alcohol» e «Manual Científico de Temperancia». Uma commissão de nossos anti-alcoolistas, dos mais com- petentes e abnegados, incumbiu-se da versão portugueza, e por certo dentro em pouco ultimarâ o seu trabalho, cuja grande utilidade excusa encarecer.*

## RESENHAS E ANALYSES

POR

ZACHEU ESMERALDO, IGNACIO  
DA CUNHA LOPES E ERNANI  
LOPES.

CLAPARÈDE, ED. — *L'émotion pure*. «Archives de Psychologie,» Genebra, nº 88, Dezembro de 1930.

Neste interessantíssimo trabalho, o Sr. Professor Claparède estuda a emoção—*typo*, o nucleo mesmo de todo processo emotivo, a emoção em si tão sómente, desprendida dos diversos componentes ou *nuanças*, que caracterizam as suas diferentes e multiplas variedades.

Começa por fazer saliente que este estado affectivo a que chama emoção pura, não obstante ser o mais frequente e o mais banal, jámais fôra assignalado pelos psychologos, na grande serie dos processos emotivos catalogados.

O que caracteriza a emoção pura é que ella não tem, por assim dizer, direcção, nem sentido biologico; não é nem medo, nem colera, nem estupor, nem angustia, nem vergonha, nem alegria, nem dôr, nem piedade. Ella é neutra, transparecendo que o Autor quer, com isto, dizer que é uma vibração vaga e indefinida da affectividade, sem visos de finalidade.

Pondera que, como todas as emoções, ella não se amolda á expressão discriminativa, e, para se ter d'ella uma idéa, é preciso viver-a, experimental-a pessoalmente; que ella se assemelha muito á phase inicial do acto de chorar, quando se está triste, mas que na emoção pura não ha pezar e tem-se um como sentimento de felicidade. Fugaz, não dura, via de regra, senão alguns segundos.

Fugindo ella á descripção conceitual, o illustre psychologo suisso procura dar a seu respeito uma idéa, enumerando os casos ou circunstancias em que sóe sobrevir: as tocantes cerimoniaes patrioticas; as scenas de reconciliação no palco entre um marido e uma esposa que fôra por este abandonada; as narrativas dos jornaes implicando movimentos de fraternidade, de generosidade; o gesto de Lindberg, coberto de gloria e ainda exaustado do grande raid transaereo, visitando a mãe de Nungesser, seu malogrado precursor, etc., são factos que «emocionam» e pôdem imprimir, que não exprimir o valor d'esta emoção pura, d'esta emoção neutra.

Considerando quaes as suas causas, isto é, as situações que a desencadeiam, diz que são as que põem em jogo a solidariedade humana, uma communhão de almas, um gesto magnanimo; que muitas vezes, mas nem sempre, parece ser ella condicionada pela passagem mais ou menos brusca do estado de tensão ao de distensão do animo.

Convém annotado que o autor assignala não ser a emoção pura encontrada na creança, e que o seu apparecimento, com o curso da idade, deve ser considerado como o signal da consciencia social do individuo.

Tentando uma interpretação biologica do phenomeno, passa em revista, *per capita*, as diversas opiniões dos autores ácerca da significação das emoções em geral (reacções instinctivas, hereditarias, aspecto inferior do instincto; simples desordem do instincto; revivescencia inoportuna de reacções outr'ora uteis; reacções *sui-generis* uteis ou inúteis; conjuncto de reacções explosivas ou choques, etc.) Acha que a «nossa emoção pura é typicamente um caso do que chama «emoção-choque,» mas não tem o caracter violento d'estas. De ordinario brusca e intensa, não deixa de conservar certa doçura e não tem relação com a crispção violenta da colera, a agitação da alegria ou da dôr, o tremor ou a angustia do medo. Ella tem seu caracter proprio.»

Mostrando á que circulo vicioso conduz a explicação intellectualista das emoções e a analogia, semelhança ou approximação entre a theoria de Cannon, que acredita serem as emoções resultantes da excitação do thalamus e a de William James, que formulou a sua doutrina periphe-

rica (\*) para os diversos processos emotivos, apoia convictamente este ultimo e acha que a emoção pura «é uma bella illustração da theoria peripherica, pois não consiste em summa, senão na consciencia das reacções organicas, nascentes: soluços, tremores e sobretudo lagrimas.»

Previne a objecção que poderia ser-lhe feita dizendo-se que o pezar e a emoção pura assentam nas mesmas reacções organicas periphericas: — lagrimas e mimica de choro — e que, apesar de derivarem, segundo a doutrina jameseana, d'estas reacções, são processos emotivos bem differentes, e esclarece que emoção pura não quer dizer emoção simples, para cujo determinismo não concorressem factores varios. Acha que a emoção neutra mergulha no organismo raizes que se alimentam de fontes diversas e que a especie de contentamento interior, companheiro da emoção pura sem propriamente d'ella participar, contribuiria para dar-lhe o quadro proprio. Aliás, a ausencia de um só elemento no conjuncto das reacções corporaes, ou substituição de um por outro pôde modificar completamente a face do conjuncto emotivo, ou a revelação immediata d'este conjuncto ao Eu «da mesma forma que a mudança de um só ponto de uma figura pôde mudar inteiramente a physionomia desta figura.»

Procurando finalmente penetrar a significação psychologica da emoção em estudo, acha que as emoções e de um lado geral o sentimento têm para a consciencia um valor subjectivo que corresponde, no comportamento a reacções que têm um valor objectivo e pensa que a emoção pura nada significa e é apenas um incolor estado «emotivo», um estado de leve «perturbação» que não é correspectivo de nenhum valor objectivo para o ajustamento do corpo a uma palavra ou a uma situação: «é um não valor objectivo que corresponde, subjectivamente ao sentimento do *sem valor*, do accidental.»

Zacheu Esmeraldo

(\*) Nota do Analysta: Seria talvez interessante assignalar que Bergson, dando todo valor ás sensações organicas, sobretudo em se tratando de avaliar a intensidade das emoções, não despreza o elemento psychico irreductivel, a idéa, que commandaria a direcção do estado emocional, que imprimiria a tantos movimentos diversos uma orientação commum. É, como se vê, uma interpretação que se poderia dizer ao mesmo tempo organicista e intellectualista. — (Vide *Les Données immédiates de la Conscience*, pag. 221).

MEYER, E. — *Ueber Kastration bei Geisteskranken*. «Zeitschrift fuer psychische Hygiene», IV tomo, 3º fac., junho de 1931.

A seguinte observação e parecer dão ensejo a minhas deduções, acentúa o autor. E, após relatar a historia dum paciente debil mental, de 36 annos, que, desde cêdo apresentou tendencias pronunciadas para delinquencia moral e por mais duma vez esteve internado em consequencia de furto e attentado contra o pudor e finalmente, depois de explanar em bem fundamentado parecer, a indicação medica e eugénica da castração, abordando o lado juridico da questão, remette o leitor a Ebermayer, que, em 1928, num artigo sobre esterilização e direito (*Sterilisation und Recht*), escreveu: “Segundo o direito vigente... propõe-se a esterilização sem ou contra a vontade do esterilizando, ella pôde ser resultante de indicação medica, ou por outra maneira, punivel como grave lesão corporal (§ 224 do Codigo Penal Allemão). Acontece que a esterilização por indicação medica ou por consentimento dos doentes ou de seus representantes, fica completamente impune. Após a operação, que consta da ablação completa das glandulas sexuaes, em pouco tempo obteve alta o paciente, porque então não mais lhe fôra imputada delinquencia moral. Aqui, diz E. Meyer, o paciente apresenta, sem duvida, uma indicação medica. Procede-se para cura ou melhoria de impulsos sexuaes morbidos que de outro modo se não poderia obter. É naturalmente pressupposto o assentimento do doente ou representantes legaes para emprender a castração.

Do referido parecer e observação e de mais outros casos a que o autor allude, derivam as considerações tendentes a demonstrar que a castração se apresenta aconselhavel e praticavel nos delinquentes moraes que revelam pronunciada tara degenerativa, em geral tendencias asociaes e criminosas, onde os attentados sexuaes preponderam, ainda quando o § 51 do Codigo Penal não seja applicavel. E o autor continúa: Agora, por exemplo, na observação da Clinica se encontra um homem de 56 annos de idade, o qual é preso repetidamente por causa de graves delitos moraes, como depravado e sobretudo perigoso para o lado sexual. Psicosisico, offerece pronunciados traços do complexo symptomatico de Gånser, ainda por essa occasião sem nenhum processo criminal pendente. Depois, mostra idéas

de ciúmes, o qual grau de doença, é para considerar-se grave, apresenta ainda interioridade mental provavelmente congenita. Ahi seria a castração certamente muito opportuna quando o paciente voltar a sufficiente reflexão, esclarecer seu entendimento. É para esperar que o paciente com apropriados cuidados familiares possa ficar fóra do hospital.

Tambem em mais um caso dos ultimos tempos pôde ser posta em jogo a castração. Trata-se de um individuo no qual se encontram dois graves delictos moraes junto a outros insignificantes delictos, o segundo tendo ocorrido na vigencia do casamento. Acha-se o paciente na Clinica para observação em consequencia de psychose carceraria (*Haftpsychose*) que, ao lado da propensão ao complexo de Ganser, exhibe abundantemente delirio religioso, em que se julga transformado na divindade com infinita omnipotencia. Em vista do quadro, pôde admitir-se que se trata effectivamente de psychose carceraria que em todo o caso se extingue ou regride. Por outro lado, a vida inteira do paciente dá impressão de muitos impulsos degenerativos tanto no sentido intellectual como ethico-affectivo, além de nitida disposição para reacções psychopathicas presidiarias, do mesmo modo que duma anormalidade mental pôde tornar-se pronunciada uma simples tara degenerativa. Os delictos sexuaes nas suas peiores manifestações comparecem. O perigo de reincidencia se tornou muito claro pela observação na Clinica e de tal modo tambem aqui era instantemente aconselhada a castração. É por certo duvidoso se este paciente em sua grande excitabilidade sexual dará consentimento para a castração. Aqui seria tambem necessario falar á esposa se porventura já não tenha esta proposto divorcio, emquanto no segundo caso a esposa certamente approvaria a transgressão de direitos.

O encontro de tres observações em tempo relativamente curto, nas quaes a castração do ponto de vista medico para cura ou melhoria esteve a calhar, deixa suppor que ainda occorrem, como admittimos, casos semelhantes muito mais consideraveis, nos quaes, sem hesitação, pelas leis vigentes, simplesmente com fim de cura ou melhoria, tanto para bem dos doentes como da sociedade, pôde a castração ser realizada. Eis a conclusão formulada pelo autor.

J. Cunha Lopes

ROUBAKINE, NICOLAS — *La suggestion et l'autosuggestion dans la lecture*. «Action e Pensée». Genebra, Suissa, nº 3 e 4 de 1931.

O autor, que é com razão considerado o verdadeiro creador da «psychologia bibliologica» e que dirige a secção consagrada a esses estudos no Instituto J. J. Rousseau, de Genebra, proporciona-nos, no presente artigo, um interessante apanhado de suas idéas, visando especialmente o aspecto suggestivo no dominio da linguagem.

É esse dominio, accentúa, o em que melhormente podemos analizar o mecanismo da suggestão, reduzindo-o aos seus elementos mais simples.

Cada som particular de que se compõe a palavra pronunciada tem uma certa força suggestiva, do mesmo modo que cada letra insulada da palavra impressa ou escripta.

O *effeito suggestivo dos sons e das intonações* da palavra evidencia-se em muitos factos. Sabe-se, por exemplo, que a palavra monotonica provoca o somno, mas pôde tambem adquirir maior força suggestiva, em visia de ser a suggestão mais efficaz no estado de somnolencia. O tom affectivo, excitando, graças ao contagio psychico, as emoções do ouvinte, augmenta tambem a força suggestiva da palavra. E o autor lembra a proposito o commentario mordente de Tolstoi, que disse que nós nos admiramos muita vez «do aprumo e da convicção com que fallam os homens nullos, mas loço comprehendemos que assim tinha de ser, pois do contrario ninguem os escutaria».

Segundo as observações do professor Bourdon, a força suggestiva da palavra augmenta quando é longa sua ultima syllaba, e varia ainda consoante outros attributos phonologicos. Quanto ao effeito suggestivo das phrases, põe em relevo o autor a efficacia dos lemmas, dos juramentos, das injurias, das citações do Evangelho, dos proverbios, etc., e no tocante á suggestão dos livros, aponta, entre outros exemplos, o da influencia das brochuras revolucionarias sobre as multidões pouco cultas. Brandés, diz, reprochou a Ibsen a preocupação de representar herões neuro-pathologicos, constituindo uma fonte de suggestões nocivas. Ferri, como é sabido, assignalou a acção suggestiva dos romances policiaes sobre o augmento do crime. Um funcionario

da censura russa observou com justeza, que os censores não pôdem censurar o mesmo jornal, a mesma revista ou livros' da mesma orientação durante um longo lapso de tempo: a força suggestiva torna-os demasiado tolerantes.

De um modo geral, aliás, cada complexo de phenomenos psychicos suscitado pela palavra oral ou escripta é reconstruido pelo ouvinte ou leitor de accordo com as suas proprias tendencias. Essa verificação veio a constituir a lei fundamental da biblio-psychologia, que assim foi formulada por Humboldt-Potebnia: «a palavra não é um transmissor, mas, sim, o excitador dos phenomenos psychicos». O typo psychico do individuo perceptor condiciona a escolha da fórmula de suggestão verbal que mais se lhe adapte: num paciente que pense por imagens, o effeito maximo obtem-se por meio de palavras evocadoras de imagens ("parole magée"), ao passo que noutro que pense por abstracções, a acção mais efficaz é conseguida pelo raciocinio, pelas demonstrações, etc. Para definir o typo psychico do individuo perceptor, o experimentador deve ter sempre a seu alcance uma pequena collecção de palavras-tests, para serem usadas como reactivos. As phrases de grande força suggestiva são as que contém muitas palavras com elevado potencial ideo-affectivo para o individuo em vista.

Com Baudouin e Coué lembra o autor o conselho perfeitamente justificado de não fazer suggestões dando ao pensamento uma forma negativa, directa ou indirecta. Assim, por exemplo, dizer: «A metade da sala estava vazia» exprime cousa muito diversa do que dizer: «A metade da sala estava cheia».

As explorações biblio-psychologicas das suggestões promettem-nos ainda muitos achados interessantes para a psychologia individual e social. O livro não se tornou ainda uma arma de luta em prol da verdade e da justiça. Póde-se e deve-se, portanto, fazer delle uma arma para essa luta contra o dominio insidioso e intimo de um hómem sobre outro, conclue o autor.

Ernani Lopes

CABEZA, M. E. — *Patronato de ex-asilados y convalecientes*. «Revista Argentina de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal», V anno, n.º 26. 1931.

O Dr. M. E. Cabeza, um dos mais competentes e esforçados alienistas do bello Asylo-Colonia de Oliva, na pro-

vincia argentina de Cordoba, escrevendo esse interessante artigo sobre a questão dos egressos dos manicômios, traz um subsidio realmente util para a solução de tão palpitante problema de hygiene mental.

Lembra com razão, antes de tudo, que em nossos paizes com frequencia se acha bem attendido o estadio intra-mural da assistencia aos insanos, em contraste com o atrazo dos outros dois aspectos dessa assistencia, o pre-manicomial e o post-manicomial. Em relação a este ultimo, ou patronato dos egressos, accentúa que muitos paizes europeus se acham em condições especialmente favoraveis, por isso que dispõem de uma especie de instituição tutellar intermediaria — a collocação familiar — na qual se vão readaptando ao meio social os ex-alienados, antes de sua alta definitiva. São exemplos dessa instituição as Colonias Familiares de Dun-sur-Aine e Aine-le-Chateau, em França, que attendem a cerca de 1500 convallescentes por anno, ha já cerca de 30 annos, com quasi 30 % de altas definitivas. Na Suissa, Belgica, Inglaterra existem sistemas analogos.

Emquanto não seja possivel organizar serviços desse typo em seu paiz, lembra o autor a possibilidade de tentar soluções parciais e dentre estas põe em relevo a valia da possivel collaboração das autoridades policiaes, que fariam vigiar discretamente os passos do egresso, procurariam conseguir-lhe trabalho em ambiente adequado, leval-o-iam a exame periodico pelos medicos da policia e, em casos de egressos alcoolicos, actuariam no sentido de evitar sua reincidencia no vicio.

*Ernani Lopes.*

AUSTI, ELIO GARCIA E SICCO, ANTONIO — *Assistencia familiar en el Uruguay*. «Revista de Psiquiatria del Uruguay», anno II, nºs 10-11-12, julho a outubro -1930.

Em julho do anno passado commentavamos aqui nesta mesma secção o excellente trabalho do distincto alienista uruguayo, Dr. Rafael Rodriguez, sobre assistencia familiar aos insanos. Hoje nos toca recensear o magnifico relatorio que sobre o mesmo thema foi apresentado á Directoria da Assistencia Publica Nacional do paiz visinho pelos illustres especialistas Dr. Elio Garcia e professor Antonio Sicco.

A impressão dominante que ha-de colher quem quer que leia o relatorio em apreço não é a de que os serviços

de assistencia familiar apresentam ainda no Uruguay (como em toda a parte) deficiencias de varia indole. A impressão que remanesce no espirito do leitor é a de que os psychi-  
tras uruguayos, pela coragem de suas convicções, pelo seu amor á verdade, pelo seu animo de philantropia progressista, conseguirão, dentro de curto prazo, corrigir todas as lacunas que ainda se encontram na referida assistencia, em seu Paiz.

Das bem orientadas suggestões que os autores apresentam, visando levar ao maximo de perfeição os serviços em apreço, destacaremos algumas, por nos parecerem especialmente dignas de nota.

Assim, tratando da selecção dos doentes «familiarizaveis», declaram indispensavel submeter previamente, cada um delles, na Colonia, a uma prova de trabalho, «organizar todos os modos de labortherapia possiveis e applicar selectivamente o processo á modalidade individual de cada psychopatha».

No tocante á selecção dos cuidadores, ou nutricos, insistem na necessidade de serem elles dotados de saude physica e mental, e, além disso, convenientemente educados para que não considerem a sua tarefa um «negocio», o que falseiaria por completo os objectivos collimados. Julgam que, em regra, cada familia não deve cuidar de mais de dois doentes.

Quanto ao ambiente mais adequado, accentuam que nos suburbios proximos ás cidades, o meio mais indicado seria constituido pelos bairros operarios não industriaes, onde se praticam no mesmo domicilio officios manuaes variados. A proposito põem em fôco a grande desvantagem da proximidade de casas de bebidas.

Por fim, frisam os autores a absoluta necessidade de continua e severa fiscalização administrativa e technica dos serviços.

*Ernani Lopes*

SMYTHE, JULIO ALTMANN — *El problema sexual en las prisiones*. «La Crónica Médica», Lima, Perú, nos 810 a 814, janeiro a abril de 1931.

Este trabalho, que foi inspirado pelo malogrado mestre peruano, Dr. Hermilio Valdizán e pelo infatigavei higienista social e criminologo, Dr. Carlos A. Bambaren, estende-se

por 5 numeros de «La Crónica Medica», constituindo um subsidio de real valor para o estudo do thema sexual entre os presos.

Numa primeira parte encara o autor o aspecto geral do problema, estudando em particular os efeitos da continencia sobre o organismo humano. Tomando desde logo partido entre os especialistas que a julgam nociva, no adulto, enumera longamente o autor multiplas consecuencias pathologicas attribuidas a semelhante abstenção, quer no terreno somatico, quer no dominio psychico. Nega de modo determinante o effeito virilizador da abstinencia sexual. Concede que haja derivativos amortecedores dos desejos, destacando, dentre os exercicios intellectuaes, o estudo da mathematica, e dentre os exercicios phisicos, os desportos, ainda quando não cheguem ao exgotamento, condição esta ultima exigida por Havelock Ellis. Regista a proposito com satisfação o facto de ter sido instituida a pratica do football e outros desportos em varios estabelecimentos carcerarios peruanos.

Demora-se a estudar a masturbação e o homosexualismo entre os encarcerados e conclue resolutamente que se deveria ter a coragem de permittir o acto genésico normal aos presos. Como simples ensaio começar-se-ia concedendo-o apenas aos mais bem comportados, como um estímulo ou premio. Os casados seriam visitados por suas esposas, os solteiros se encontrariam com mulheres publicas. Acrescenta, entretanto, logo, o autor que seguramente parecerá algo monstruoso o que propõe, devido aos preconceitos reinantes sobre o problema sexual. E diz que em todo caso mais monstruoso é permittir a realização de praticas como as homosexuaes. Occorre aqui objectar ao autor que um mal não justifica outro e que se deveriam evitar por todos os modos semelhantes perversões. Smythe Altman, aliás, reconhece a impraticabilidade actual de sua audaz proposta (\*) e dedica um longo capitulo do seu trabalho ao estudo dos derivativos mais aconselháveis. Dentre as diversões, aconselha o radio, o film educativo, por vezes a fita comica, jámais a fita amorosa. Dentre os jogos, seriam,

(\*) - Si é certo que a permissão «oficializada» do direito ao amor phisico para delinquentes e sentenciados nos parece monstruosa, á primeira vista, a verdade é que o bom senso piedoso das autoridades, em certos logarejos, já de ha muito transigiu neste particular. Regista-o o autor do artigo para o seu paiz e consignou-o para o nosso meio uma grande competencia em sciencia penitenciaria, o Dr. Lemos Brito, em reunião da Liga realizada em Setembro de 1929.

pur assim dizer, recommendaveis todos os que não fossem de azar. Leituras bem escolhidas. Desporto. Trabalho. E, ao lado disso, isolamento dos homo-sexuaes:

Merece menção especial o paragrapho em que o autor nos relata as suas interessantes observações medico-psychologicas em um grupo de sentenciados da Penitenciaria de Lima. Do ponto de vista propriamente sexual, a regra quasi sem excepções foi a negativa systematica das praticas anormaes. Com profundo temor, diz, apenas alguns se accusam de masturbação, nenhum de homo-sexualidade. A immensa maioria apenas confessa sonhos eroticos e perdas seminaes distanciadas. Por outro lado, observa o autor, o appetite sexual reprimido propicia, entre os reclusos, a realização de verdadeiras proezas de paciencia, de trabalho e de sagacidade (sic). Quanto ás provas psychologicas, que versaram sobretudo sobre a attenção, memoria, imaginação, bom senso, vontade, percepções, sentimentos e associação de idéas, julga o autor os mais valiosos os resultados da ultima mencionada, que foi feita pelo methodo das palavras inductoras, com tempo de resposta chronométrado. A attenção foi examinada por uma das provas de cancellamento. Para a imaginação forneceram-se as palavras «menino-automovel-sangue» afim de serem alojadas numa phrase. No concernente aos sentimentos investigava-se o cabedal de superstições do paciente (crença em dias, cousas e pessoas azarentas, feitiçarias, etc.) investigavam-se os seus pontos de vista sobre patria, religião, familia, hierarchia social, companheirismo, affeição aos animaes, etc. Fazia-se ainda uma «investigação psychanalytica», visando conhecer os sonhos dos examinandos, bem como a presença eventual de colleccionismo.

Ernani Lopes

DE SANCTIS, SANTE — *Previsione del successo dell'opera dei medici e insegnanti nelle varie forme d'«instabilità» e «debolezza mentale»*. «Infanzia Anormale», numero unico de 1930.

O relatorio apresentado pelo notavel mestre, Professor Sante de Sanctis, ao II Congresso Medico-Pedagogico Italiano será, por certo, para os que o lerem, como o foi para os que o ouviram, no justo commentario feito no mo-

mento pelo Professor Medea, motivo de verdadeiro jubilo intellectual.

Alliando á sua grande competencia de clinico e de psychologo o seu profundo conhecimento de neuropsychiatria infantil, proporciona-nos o scientista italiano uma contribuição utilissima, rica em pontos de vista pessoas, e além do mais, redigida no estylo terso e brilhante a que nos habituou de ha muito.

Depois de algumas considerações preambulares, encaece a necessidade da collaboração entre medicos e professores de anormaes, e diz em seguida que vae dirigir-se a uns e outros, «quasi separadamente», para pôr em maior evidencia os termos de sua collaboração technica.

Dirigindo-se aos medicos, friza, de começo, que, em materia de prognostico, representam esses profissionais, no caso, a esquerda, isto é, a tendencia pessimista. E argumenta que o medico, justamente pelo facto da propria cultura neurological, é levado, mais do que outrem qualquer, a conceder importancia excessiva ao factor hereditario e ao factor pathologico. Ora, a verdade é que o problema da prognose, em relação ás crianças anormaes, offerece pouca margem ás generalizações. Assim, não existe proporção segura entre a gravidade dos casos e a probabilidade das melhorias. Não raro os symptomas menos graves de uma doença cerebral são os que mais difficilmente desaparecem. Quando se verifica a melhora de um de taes symptomas, é mais vezes por substituição ou compensação do que por seu verdadeiro desaparecimento.

Si o criterio da maior ou menor gravidade da doença cerebral—causa do deficit mental infantil—não permite muita vez fazer previsões sobre as possibilidades therapeutico-educativas, outro tanto se poderá dizer do criterio tirado da natureza da affecção nervosa. Isso, entretanto, assim é, sob um aspecto de absoluto rigorismo scientifico. Na pratica naturalmente existe certo numero de dados utilizaveis, são elles que Sante de Sanctis nos indica, baseado na sua experiencia.

Como susceptiveis de francas melhoras, quando submettidos a tratamento racional, enumera elle os casos de hyperthyroidismo, hypogenitalismo e epileptoidismo. Quanto ao mongoloidismo, comporta prognostico mais grave, ainda

nos casos frustraneos, aliás com frequencia de diagnostico difficil.

No tocante aos debeis mentaes e instaveis vale a pena lembrar os ensinamentos de De Sanctis a respeito. O autor italiano sustenta que bom numero dos debeis mentaes verdadeiros, sem paralyrias, são productos de encephalites de ambos os hemispherios, localizadas no cortice cerebral dos lobos temporaes e frontaes, adiante da area motriz; que varios instaveis e debeis instaveis o são por encephalites diffusas, corticaes em parte, mas principalmente basilares (*syndromes estriadas*); que, emfim, boa parte dos instaveis puros com graves ou leves disturbios do tonus muscular devem o seu mal a encephalites de localização quasi exclusivamente basilar do virus, como si fossem syndromes attenuadissimas de choreo-athetose ou de rigidez pallido-rubrica. Observando-se com attenção os instaveis e os debeis-instaveis descobrem-se nelles com frequencia symptomas attenuados como os seguintes: tremores, dystonias, ataxias, leves movimentos athetoides, posturas cafaeptoides provocadas, fiques, crises de typo epileptoide, disturbios espasticos da palavra.

Pois, bem. É em relação a estes ultimos casos de localização cortico-basilar ou de localização prevalentemente basilar que o prognostico se afigura um tanto reservado. Os casos mais favoraveis são os em que existe uma syndrome de typo basilar provocada antes por lesões corticaes de que resulta a cessação do frenamento dos ganglios da base. De Sanctis, em divergencia com O. Foerster, declara, por outro lado, nunca ter observado, a progressividade das syndromes basilares acompanhadas de phrenastenia e epilepsia, mas apenas a persistencia dos respectivos symptomas. De qualquer modo é indubitavel serem os doentes de syndromes motrizes extra-pyramidaes menos reeducaveis que os paralyticos pyramidaes.

Por fim, em relação ás crianças anormaes herediticas, consigna com muita razão o autor que, d'esta feita, em contrario á regra por elle formulada, é o medico victima com frequencia de uma curiosa illusão optimista, no concernente ao prognostico. É o caso que o não especialista em neuro-psychiatria infantil, verificando positivas as reacções biologicas de lues, em um desses doentinhos, julga-se

dono da situação e nesse sentido tranquilliza os paes da criança. Ora, a verdade é que, muitissimas vezes, realizado o tratamento especifico com todo o rigor, não apparecem os resultados esperados. Porque? Simplesmente porque a syphilis hereditaria nos casos que vão ter nos Ambulatorios e Asylos é, quasi sempre, apenas um dado historico. O treponema já devastou o cerebro, mercê de processos de meningo-encephalite ou de gliose, e em 90 % dos casos, trata-se de *cas finis*, como dizem os francezes. Como consolo, resta-nos sómente a verificação de que a progressividade tambem aqui é rara.

Passa em seguida De Sanctis a dirigir-se aos pedagogos de anormaes que, como diz, representam a direita: isto é, a tendencia optimista, no julgar as possibilidades de progresso dos pequenos doentes. Schopenhauer e Ribot acreditavam pouco nos efeitos da educação em geral, lembra, mas os professores por certo, estão do lado de Leibnitz, Helvetius e outros crentes na eficiencia educativa. Quaes são as creanças anormaes, que, em regra, lhes vão ter ás mãos? Sem duvida ou debeis sem paralyrias, ou instaveis do comportamento, ou alguns pseudo-anormaes e diferenciados affectivos, ou, enfim, justamente muitos daquelles casos neurologicos *finis*, que não apresentam tendencia alguma a piorar. Em summa, tudo bem ponderado, um conjuncto de casos de prognosticos muito menos sombrio que que são vistos pelos medicos.

Não esqueçamos, entretanto, observa, que se trata muita vez de hypobulicos, violentos ou torpidos, lesados na rapidez dos seus processos psychicos, e em parte outrosim na sua ideação superior. Como todo esse material humano é de difficil manejo, até por sua mesma heterogeneidade, as previsões dos resultados medico-pedagogicos são muito delicadas. Ainda si puzermos de lado as anomalias por lesão cerebral directa, restam os casos de endocrinismo perturbado, para julgar os quaes não poderia o professor dispensar o concurso do medico. Encarando, entretanto, a generalidade dos casos, é indiscutivel que assiste aos professores o pleno direito de fazer previsões no dominio do ensino de anormaes, como sempre o fizeram no dos escolares normaes. Para tanto acham-se elles habilitados pela sua experiencia pedagogica com taes alumnos. E De San-

ctis pede-lhes permissão para resumir por sua vez os resultados da propria observação, em ordem a vêr si concordam com a dos pedagogos.

Estabelece antes de tudo que devemos admittir graus de educabilidade, de accordo com os quaes pautaremos as previsões. Sustenta em seguida que é possível construir «reactivos de educabilidade», louvando a proposito os que têm sido propostos por Thorndike, H. W. Crane e outros; Os jogos de paciencia, os labyrinthos, as provas de aprendido por visão animada, as de «intelligencia technica», (nem sempre, aliás, correlactas com as de intelligencia geral) constituem bons indices de educabilidade.

Dando prova de seu alto criterio, o Professor Sante de Sanctis eiogia a essa altura os tests mentaes em geral e frisa delicadamente o absurdo da antipathia que não raro lhes consagram psychiatras e pedagogos.

Accentúa em seguida que os psychiatras podem crear um novo copitulo de semeiotica mental: a *semeiotica da curabilidade*, e portanto, a da *corrigibilidade* e a da *educabilidade*. Em linguagem não medica: technica da previsão dos resultados escolastico-sociaes é como se poderia chamar esse capitulo, no que concerne ás crianças anormaes, thema sobre o qual adduz ainda interessantes considerações.

Toma o caso do debil de leve grau. O criterio prognostico deve ser em parte, tirado, aqui, dos pareceres repetidos dos professores, relatiivamente á capacidade de attenção, de memoria, e, sobretudo, á de exercicio, isto é, de aproveitamento. Este *aproveitamento* differe muito, entretanto, da *adaptação*. Póde o aproveitamento, no tocante á quantidade de noções armazenadas, ir em constante progresso. A despeito desse bom resultado, entretanto, o Q. I. mantém-se baixo, o que equivale a dizer: a personalidade do debil permanece deficiente, a despeito do seu maior nivel de instrucção e de edade chronologica. Em summa, a instrucção, qualquer grau que affinja, não suppre a ausencia de qualidades de adaptacão que permittam ao doente a plena autonomia psychica o juridico-social do homem medio. Devem, pois, os Institutos de Debeis Mentaes contentar-se em devolver á sociedade homens innocuos e trabalhadores, sempre passíveis de eventual protecção da familia, da lei e da assistencia extra-hospitalar.

Passa a tratar da educabilidade dos instáveis. O prognóstico é favorável em relação aos *pseudo-anormaes* do character, ou diferenciados affectivas. Productos em geral de más condições ambientais, sua collocação num ambiente adequado surte em geral o melhor effeito. A proposito dos propensos á delinquencia, encarece as vantagens de favorecer a ligação de taes menores com outros, de tendencias totalmente diversas, que venham a actuar como «neutralizadores» ou «normalizadores» dos companheiros. Percebe-se a delicadeza de semelhante pratica, tendo em mira a possibilidade de se dar o contrario do que se espera, isto é o mau perverter o bom em vez de ser o bom que regenere o mau. Apressamo-nos, aliás, em acrescentar que este topico não se acha explicito no relatorio. De Sanctis limita-se a fallar nas vantagens de submeter taes menores ao trabalho profissional e a proporcionar-lhes uma adequada «symbiose» (*e nel favorire una zaggia simbiosi pei ragazzi delinquibili*).

Estuda em seguida os signaes de educabilidade e adaptabilidade dos instáveis verdadeiros, quer no seu comportamento *espontaneo* (brinquedos, desenhos e quaesquer outras occupações livres) quer na sua actividade *provocada*, isto é, sob ordens. No primeiro caso observar-se-á em particular si o rythmo espontaneo da actividade é ou não proporcionado á utilização das proprias energias. Em ambos os casos procurar-se-á averiguar si o menor tem consciencia dos progressos que venha fazendo em qualquer especie de trabalho—facto importante de que deriva a justa avaliação do proprio valor, sem o que não seria possível o exito social futuro. Fallando do interesse que igualmente haveria em observar as reacções espontaneas de varios alumnos reunidos, isto é, a «interpsychologia» de grupo, aponta De Sanctis, entre outras, as seguintes suggestivas verificações possíveis:— Quanto tempo é necessario para que o grupo alcance certa homogeneidade? Quaes dos alumnos do grupo são «incubos», e quaes os «succubos»? De que modo actuam aquelles sobre estes? Haverá nesses casos intervenção do elemento erogeno, franca, ou disfarçada?

Lembra ainda as vantagens de estudar o comportamento dos meninos anormaes em face do perigo. A prova do «perigo experimental» seria um reactivo assaz eloquente quando applicada em serie. Nesse dominio annuncia o Professor De Sanctis estar preparando *films*, valendo-se da projecção em camara lenta, que, como accentúa, constitue um documento psycho-physiologico de primeira ordem.

Ernani Lopes

# NOTICIARIO

---

## **Intercambio intellectual uruguayo-brasileiro**

Pelo Sr. Ministro da Educação e Saúde Publica foi nomeada a seguinte commissão para iniciar o intercambio intellectual entre o Uruguay e o nosso Paiz: Dr. Humberto de Campos, membro da Academia Brasileira de Letras e jornalista; Sra. Rosalina Coelho Lisboa Miller, poetisa e prosadora; Sra. Armada Alvaro Alberto de Mendonça, educadora e pedagogista; Dr. Candido de Mello Leitão, medico, professor do Museu Nacional e da Escola Normal e naturalista; Dr. Renato Pacheco, medico, jornalista e presidente da Confederação Brasileira dos Desportos; Dr. Ernani Lopes, da Directoria da Liga Brasileira de Hygiene Mental.

## **Professor Agustin Venturino e Sra. Alice de Venturino**

O esforçado sociologo chileno Sr. Professor Agustin Venturino e sua Exma. Senhora, a inspirada poetisa salvadorese, D. Alice Lardé de Venturino, vêm realizando nos paizes americanos uma bella obra de confraternidade que não podemos deixar de louvar nestas paginas, tanto mais quanto, recentemente, em sua passagem pelo Rio de Janeiro, ambos distinguiram a Liga Brasileira de Hygiene Mental com a sua desvanecedora sympathia. O Professor Venturino realizou, na sede da Liga, em 20 de julho, uma erudita conferencia sobre «Hygiene moral e sexual do aborigene pre-historico chileno». A Sra. Alice Venturino offereceu á bibliotheca da instituição os seus trabalhos literarios, realçando a offerta com dedicatorias de intenção fraternal inter-americana que summamente agradecemos.

## **V Congr. Medico-Pedagógico Alemão**

Em o nosso numero de Julho do anno passado tivemos ensejo de annunciar a realização d'esse certamen scientifico, prevendo os resultados que d'elle adviriam para um dos mais relevantes aspectos da hygiene mental, qual seja o da assistencia, tratamento, educação e prevenção da anormalidade psychica nas primeiras edades. O Congresso realizou-se de 17 a 10 de Outubro, em Colonia, e o seu exito foi brilhante, como se deprehe de das noticias circunstanciadas que lhe consagraram as revistas allemãs especializadas. Faremos aqui apenas uma synthese muito incompleta de alguns dos mais interessantes trabalhos apresentados. H. W. Maier, de Zürich, accentuou a grande rari-

dade da esquizophrenia infantil, admitindo, entretanto, que em individuos predispostos os castigos inadequados possam provocar a explosão do mal. D'ahi a necessidade de uma hygiene mental apropriada de taes crianças, o que só será possível, diz com razão o autor, havendo entendimento entre os professores e psychiatras. Wittneben, de Treysa, fallou sobre os resultados que conseguiu, no seu Instituto de Debeis Mentaes, com o emprego do lipatren e thyroxina, assignalando serem as melhorias dos doentes não só mentaes como somaticas. Como esse congressista apontasse uma nitida differenciação capillar (Kapillar-Differenzierung) como consequencia da therapia, Stondi opinou, com applausos geraes, que, na especie, não seriam propriamente modificados os capillares, senão os tecidos em que os capillares se distribuem. Como se sabe, a «capillarologia» é, hoje, uma das questões medicas em moda na Europa. Por esse motivo, o Congresso lamentou que não chegasse a ser apresentado o trabalho annuciado do illustre Professor Dr. W. Jaensch, de Berlim, sobre Constituição e Capillares.

No tocante aos aspectos juridicos dos problemas da infancia anormal, não pequeno foi o numero das valiosas communicações levadas ao Congresso. Dentre os seus autores, destacaremos Assmann, de Colonia, que pleiteou a nomeação de um perito em psycho-pedagogia (professor das escolas auxiliares, ou «Hilfsschullehrer») sempre que houvesse de ser julgado um debil mental ou retardado, e Weiss, de Mannheim, que accentuou com que reserva devem ser recebidas as respostas dos menores, em processos relativos a attentados á moral, pois 60 a 80 por cento dellas são falsas, podendo-se affirmar que não chega a 10 por cento o numero de crianças inacessiveis ás suggestões communs.

Outro thema que despertou a atenção geral dos congressistas foi o do rastreamento precoce das crianças hypo-evoluídas — em ordem a seu tratamento em tempo útil. Foi posta em foco mais uma vez a importancia da idade pre-escolar, tendo Benjamin, de München, localisado no 2.º ou 3.º anno da vida a «idade critica» do desenvolvimento mental — o que impõe a necessidade de observação minuciosa da creança antes dessa phase, quer dizer, já no decurso do 1.º anno vital.

Foram largamente discutidas as principaes questões relativas aos methodos medico-pedagogicos, bem como á organização dos estabelecimentos de assistencia a menores. Por fim, como complemento desta ultima, foi preconizada a vantagem da protecção no meio social aos egressos de taes estabelecimentos. Beeking, de Berlim, occupou-se particularmente do assumpto, não deixando de chamar a atenção para o perigo dos exageros neste dominio. Tanto quanto possível, diz elle, o homem deve ajudar-se a si mesmo. Devemos evitar sempre que se enfraqueça o sentimento de responsabilidade.

## II Congr. Medico-Pedagogico Italiano

Um mez e pouco depois do Congresso Alemão acima noticiado, coube aos especialistas italianos em pedagogia de anormaes a vez de realizarem uma importante Conferencia, que se reuniu em Milão nos dias 23 e 24 de Novembro de 1930. A Associação Pró Infancia Anormal e a Secção Lombarda da Liga Italiana de Hygiene Mental foram as

entidades organizadoras do Congresso, ficando este sob os auspícios da Municipalidade de Milão. Ademais de todos os socios das duas aggre-miações promotoras, inscreveram-se no certamen setenta personalidades, em sua maioria professores e medicos. Houve 3 relatorios officiaes ver-sando, respectivamente, sobre prognostico medico-pedagogico dos anor-maes de caracter e insufficientes mentaes (Prof. Sante de Sanctis), sobre crianças anormaes do ouvido e da palavra (Prof. Giulio Ferreri) e sobre assistencia medico-pedagogica aos anormaes psychicos em geral (Dr. A. Albertini e Prof. G. Corberi) e 21 communicações. Visitaram-se 2 escolas para anormaes, uma para anormaes psychicos, outra para anormaes do ouvido e da palavra. O programma das reuniões foi mo-deladamente organizado, tendo fixado de antemão o lapso de minutos que deveria durar a leitura de cada trabalho (minimo de 10 e maximo de 45 minutos). Essa providencia permittiu que tudo se fizesse em dois dias, o primeiro dos quaes foi um domingo. O numero unico de 1930 da excellente revista «*Infanzia Anormale*» que recebemos ha poucos dias, em permuta com os «*Archivos*», publica, na integra, todos os tra-balhos do Congresso, dos quaes escolhemos um dos mais notaveis; o relatorio do Prof. Sante de Sanctis, para recensar minuciosamente, na secção de «*Resenhas e Analyses*».

### **Cursos e Conferencias na Liga em 1931**

Dos tres primeiros cursos technicos que annunciáramos em nosso ultimo numero, dois, nesta data, os de Embryologia Nervosa e de Psychanalyse, respectivamente confiados aos Srs. Profs. Drs. A. Sankott e J. P. Portocarrero, já foram realizados, tendo tido o mais brilhante exito. No curso de neuro-embryologia, que constou de 19 lições, ins-creveram-se os Srs. Professores Augusto Brandão Filho, Raul Bittencourt, Alfredo Neves, os Drs. Frederico Luiz Mac Dowell, Oscar Alves, Thomaz Rocha Lagôa, Januario Bittencourt, Alberto Vaissycé, Ernani Lopes, Hugo Vianna Marques, e os academicos Fernando Carneiro, Moysés Xavier de Araujo, Moacyr Bernardes e Rodolpho Kleinscheg Junior. No curso de psychanalyse inscreveram-se os Srs. Professores Raul Bittencourt, D. Zilpa de Oliveira, Drs. Januario Bittencourt, Er-nani Lopes, Srs. academicos Linneu da Costa Araujo, Pedro da Fonseca Nogueira, Fabio de Oliveira Camargo, Paulo Leão de Moura, José Bonifacio de Oliveira Coutinho, Luiz Campelli, Innocencio Pereira Leal e Luiz Galvão.

Em ambos esses cursos foi admittido numero não pequeno de alumnos gratuitos.

Neste momento os Professores Dr. Miguel Osorio de Almeida e Frederico Luiz Mac Dowell realizam tambem com o maior brilha-ntismo, cursos respectivamente de «*introducção physiologica á psycho-logia*» e de «*neurologia clinica*».

O Dr. Murillo de Campos proferiu em 4 de Junho uma con-ferencia magistral sobre «*Interpretação psychologica dos \*phenomenos espiritas*». O Professor A. M. Langsner, a convite da Liga, fez em 11 do mesmo mez uma palestra, altamente interessante sobre «*Hypno-logia e Graphologia*». O Dr. Alberto Farani pronunciou em 10 de Setembro a notavel palestra que publicamos neste numero.

## Eurycles de Mattos

Esta columna tem limitado até hoje o seu registo aos nomes de technicos em hygiene mental e sciencias affins que se trasladam á existencia subjectiva. Mas queremos abrir, hoje, uma excepção, por todos os titulos justificada, depondo aqui uma palavra de saudade e de gratidão, em homenagem á excelsa memoria de Eurycles de Mattos. A «O Globo», o grande jornal que elle superiormente orientava, expressou em tempo a Liga o seu profundo pesar. Agora, com mais vagar, queremos pôr em relevo que á alta sympathia e comprehensão de Eurycles devemos sem duvida grande parte do exito de algumas de nossas campanhas. Basta apontar a maior dellas, a cruzada anti-alcoolica. Por certo, a imprensa unanime de nosso paiz prestigiou, sempre, neste particular, o esforço da Liga. Mas o concurso de Eurycles avulta, a nossos olhos, por isso que ao seu jornal deve a Liga o verdadeiro inicio da campanha sob uma feição accessivel ao grande publico. Foi por occasião do Carnaval de 1925, ou, melhor, nas vespersas dessa grande festa popular, que, após um entendimento entre o grande vespertino e a nossa instituição, verdadeiramente começou a maior cruzada anti-alcoolica já realizada no Brasil. Eurycles de Mattos era, aliás, dos que prégam e doutrinam não somente pela palavra como pelo exemplo. E assim não foi para nós surpresa quando, em Outubro de 1927, o vimos deixar, sem hesitação, a sua honrada assignatura na primeira pagina do nosso «Livro dos Abstemios», pouco antes inaugurado.

Honra, pois, ao lutador idealista e intemerato, cuja vida constituiu um apostolado em pról de todas as causas benemeritas.

## Faustino Esposel

São do dominio publico as grandes homenagens de pesar que a Liga Brasileira de Hygiene Mental rendeu ao seu illustre associado, Professor Faustino Esposel, tão prematuramente arrebatado ao convívio dos seus innumerados amigos no dia 16 de Setembro ultimo. Personalidade de escól, quer como cientista, quer como cidadão, fez realmente jús o mallogrado Mestre patricio a todas as distincções de que foi cumulado em vida, algumas das quaes relembremos aqui.

Era Faustino Esposel, no estrangeiro, condecorado pelos Governos da França e da Rumania; membro honorario da Liga Argentina de Hygiene Mental; membro correspondente da Sociedade de Neurologia de Paris, da Sociedade Francaza de Psychologia e da Sociedade de Neurologia e Psychiatria de Buenos Aires; em nosso Paiz, membro titular da Academia Nacional de Medicina, vice-presidente da Sociedade de Neurologia, Psychiatria e Medicina Legal e da Sociedade Medica de S. Lucas, membro effectivo da Sociedade de Medicina e Cirurgia. Da nossa Liga fora, em 1926, vice-presidente effectivo, tendo estado por alguns dias, na presidencia, interinamente, e hoje exercia as funcções de membro do Conselho Executivo e presidente da VI secção de estudos.

Dentre as suas valiosas publicações neuro-psychiatricas destacamos. «Arterio-esclerose cerebral», thesé de doutoramento; «Pertur-

bações sensitivas na lepra», these de livre docencia, «Da capacidade de fixação em normaes e alienados», these de concurso para Professor da secção de Clinicas Psychiatrica e Neurologica da Faculdade de Medicina; «Em torno do signal de Babinski» memoria apresentada á Academia Nacional de Medicina; «Syndrome de Alzheimer e arterio-esclerose cerebral», comunicação ao Congresso Medico Latino-Americano, reunido em Lima, em 1913; «Perturbações mentaes na ankylostomiase», trabalho para o numero especial dos Arch. Bras. de Medicina, consagrado á ankylostomiase; «Os nervos sensitivos são diferenciados?», trabalho apresentado á 1.<sup>a</sup> Conferencia Latino-Americana de Neurologia, Psychiatria e Medicina Legal, em 1928; «Estudo anatomico, physiologico e clinico da hypophyse», conferencia realizada na Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

Numerosos são tambem os trabalhos que fez em collaboração, como que a demonstrar a facilidade com que syntonizava com collegas e disepulos. Com o Professor Austregesilo publicou, entre outros trabalhos, um estudo documentado sobre «Cenesthopathias» e outro sobre «Tumores do angulo ponto-cerebellar»; com o Professor Miguel Osorio fez interessantes pesquisas sobre o regimen dos reflexos do membro inferior sob a acção da anemia experimental; com o Doc. Ulysses Vianna escreveu e lançou artigo sobre «Arterio-esclerose cerebral» para o Formulario do «Brasil Medico» de 1915; com Ernani Lopes redigiu uma pericia psychiatrica sobre um uxoricida alcoolista com delirio de ciúme»; com os Drs. Odilon Galloti, José Osorio, Motta Rezende, Aluizio Marques, Teixeira Mendes, Chagas Doria, Luiz Carvalho e outros publicou variada casuistica de neurologia clinica. Còllaborou em diversos tratados nacionaes de medicina.

Foi, com o Professor Henrique Roxo, um dos Delegados do Brasil á 1.<sup>a</sup> Conferencia Latino-Americana de Neurologia, Psychiatria e Medicina Legal, cabendo-lhe, dois annos depois, a relevante funcção de organizar aqui em nossa Capital, a 2.<sup>a</sup> Conferencia, como seu efficiente Secretario Geral.

Emfim, para a nossa Liga contribuiu com trabalhos de real valor, no dominio da prophylaxia mental e da Hygiene mental pura.

### Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos:

#### Livros e folhetos:

- A. Xavier de Oliveira — *Espiritismo e loucura*. Editor: A. Coelho Branco F.<sup>o</sup> (298 pags., numerosas illustrações). Rio, 1931.
- Leonidio Ribeiro e Murillo de Campos — *O espiritismo no Brasil*. Cia. Editora Nacional (199 pags., numerosas illustrações). S. Paulo, 1931.
- Hélène Antipoff — *O desenvolvimento mental das creanças de Bello Horizonte*. Boletim n.<sup>o</sup> 7 da Secretaria da Educação e Saúde Publica de Minas Geraes.
- Assistencia a Psychopathas — *Decretos do Governo de Pernambuco reformando e regulamentando o serviço da A. a Psych.* naquelle Estado. Imprensa Official. Recife, 1931.

- Antoinette Endrihovsky** — Dôres na região lombo-sacra. These de habilitação. Typogr. Coelho. (161 pags.). Rio, 1930.
- Société des Nations** — Sur le contrôle de l'opium à fumer en Extrême Orient. **Rapport** au Conseil. Genebra, 1931.
- G. Pittaluga** — La Higiene Mental y la Enseñanza de la Psiquiatria. Madrid, 1931.
- G. Pittaluga** — La Constitución de la Escuela Nacional de Sanidad de Madrid. Dezembro de 1930.
- 2.º **Ciclo de Conferencias** de la Sociedad de Neurologia y Psiquiatria de Buenos Aires, em Junho de 1931, pelos Drs. G. Aquiles, K. Miguel, Marqué Alberto, R. Rivarola e Dellepiane Rawson.
- Antonio Sicco** — Imperfecciones del Sistema Actual de la Asistencia a Alienados en Nuestro Pais. Edit. A. Monteverde & Cia., Montevideo, 1930.
- V. Perez Pastorini** — Proteinoterapia en la Epilepsia. Montevideo, 1930.
- Agustin Venturino** — Sociologia Primitiva Chile-Indiana, 2 tomos. Editorial Cervantes, Barcelona, 1927.
- Ibid.** — Sociologia Chilena, tomo III da série, 1929.
- Ibid.** — Sociologia General Americana, tomo IV da série, 1930.
- Alice Lardé de Venturino** — Alma viril (poesias), Santiago, 1925.
- Ibid.** — El Nuevo Mundo Polar (poesias), Barcelona, 1929.
- Ibid.** — Sangre del Tropico (poemas em prosa), Santiago, 1925.
- O Dr. **Plinio Olinto**, presidente da secção de estudos de psychologia applicada da Liga, fez um valioso donativo de folhas de exame de tests mentaes norte-americanos, para serem traduzidas e adaptadas ao nosso meio. Dentre esses tests destacam-se os seguintes: «Detroit first-grade intelligence test. Haggerty Intelligence Examination. Pintner-Cunningham primary mental test. Pressey X — O test. Macquarrie test for mechanical ability. The Watson test of public opinion. Terman group test of mental ability. Ethical discrimination test, de S. C. Kohs. Tests in abilities of visual art de A. S. Lewerenz.»

#### Jornaes e Revistas:

- A Folha Medica**, rua Buenos Aires, 68, Rio de Janeiro. Trimensal. 20\$ p. anno.
- Anno XI, n.ºs 9 a 28 de 1931.
- Julia M. Viotti** — Ensaio do test das 100 questões de Ballard. Varios n.ºs publicam resumos das lições do curso de neuro-physiologia realizado na Liga pelo Professor Miguel Osorio de Almeida.
- Imprensa Medica**, 30 — 1.º, r. Rodrigo Silva. Quinzenal. 20\$ p. anno.
- Anno VII, n.ºs 90 a 96, de 1931. Neves Manta: Manoelina. I. Cunha Lopes: Hereditariedade em medicina mental (conferencia realizada na Liga).
- Jornal dos Clinicos**, 176, rua Buenos Aires, Rio de Janeiro. Quinzenal. 30\$ p. anno.
- Anno XII, n.ºs 6 a 17 de 1931. Leopoldo Bard: A capacidade civil dos alcoolistas (em hespanhol).
- Jornal de Medicina de Pernambuco**, 48, Pr. Maciel Pinheiro, Recife. Mensal.
- Anno XXVI, n.ºs 9 a 12 de 1931.

- Revista Medico-Cirurgica do Brasil, 73 r. 7 de Setembro, Rio de Janeiro. Mensal. 40\$ p. anno (exterior).  
Anno XXXIX, n.ºs 2 a 7 de 1931.
- Archivos Brasileiros de Neuiriatria e Psychiatria, 16, Largo da Carioca, Rio de Janeiro. Irregular. 25\$ p. anno (ext.).  
Anno XIV, n.ºs 3 e 4 de 1931. J. M. Estapé: Contribuição ao estudo da psychopathologia do vagabundo (em hespanhol).  
Boletim de Hygiene Mental, publicado pela Liga Paulista de Hygiene Mental.  
N.º 25, Janeiro de 1931. Assistencia Geral aos Psychopaths. Reeducação de Doepentes Mentaes. Esporte e Hygiene Mental.
- Archivos Brasileiros de Medicina, 16, L. da Carioca, Rio. Mensal. 30\$ p. anno.  
Anno XXI, n.ºs 2 a 8, de 1931. Publicam um excellente numero jubilar em honra ao Professor Juliano Moreira. Artigos interessando a hygiene mental: — A. da Silva Mello: O extranho caso de Thereza Neumann. Gustavo Riedel: Na éra da Hygiene Mental. Xavier de Oliveira: Os magnicidas perante a psychiatria forense. Waldemar de Almeida: Aspectos psychiatricos do testemunho.
- Gazeta Clinica, 14-sob., rua S. Bento, S. Paulo. Mensal. 20\$ p. anno (ext.).  
Anno XXIX, n.ºs 1 a 6, Janeiro a Junho de 1931. Cyro Duro: Os estupefacientes.
- Medicina Pratica, 27, Libero Badaró, S. Paulo. 20\$ p. anno (exterior).  
Vol. I, n.º 1, Julho de 1931.
- S. Paulo Medico, 16, P. Ramos de Azevedo, S. Paulo. Mensal. 30\$ p. anno (ext.).  
Anno IV, vol. I, n.º 1, Maio de 1931. Enjoras Vampré: Padecimentos agudos do cerebro (alguns meios para remedial-os).
- Archivos Rio-Grandenses de Medicina, C. Postal n.º 872, Porto Alegre. Mensal.  
Anno X, n.º 1, Agosto de 1931.
- Gazeta Medica da Bahia, Praça Castro Alves, S. Salvador. Mensal. 20\$ p. anno (ext.).  
Vol. 61, n.ºs 6, 7-8, 9-10, 11, Dezembro de 1930 a Maio de 1931.
- Annaes Paulistas de Medicina e Cirurgia, C. Postal 1574, S. Paulo. Mensal.  
Vol. XXII, n.ºs 6 e 7 de 1931.
- Jornal de Syphilis, 30-1.º, r. Rodrigo Silva, Rio de Janeiro. Mensal.  
Anno II, n.º 14. Ed. Meirelles: Do papel da syphilis concepcional na eugenia.
- Laboratorio Clinico, C. Postal 412, n.º de Maio-Junho de 1931.
- Escola Nova, 1, Trav. Benef. Portugueza, S. Paulo. Bimestral.  
Vol. II, n.ºs 3 e 4, e vol. III, n.ºs 1 e 2 de 1931. Lourenço Filho: Os Tests. Aprigio Gonzaga: Orientação do Trabalho Manual nas Escolas Publicas. Plinio Olinto: Do valor do exame psychophysiologicalo na pesquisa das aptidões.
- Boletim de Eugenia, C. Postal 2926, Rio de Janeiro.  
Anno III, n.ºs 26 a 32. Renato Kehl: Philanthropia contra-selectiva. Edgard Braga: Fundamentos do exame medico pre-nupcial. Octavio Domingues: «Birth-control», esterilização e pena de morte.

- Boletim do Museu Nacional, Quinta da Boa Vista, Rio.  
Vol. VII, n.º 1.
- Revista de Psiquiatria del Uruguay. 1378, calle Uruguay, Montevideo.  
Anno II, n.º 10-11-12, Junho a Outubro de 1930. Elio Garcia Austt y  
Antonio Sicco: Asistencia familiar en el Uruguay.
- El Lazo Blanco, 1368, Maldonado, Montevideo. Orgão de propaganda  
da «Liga Nacional contra el Alcoholismo».
- Anno XIV, n.º 52, Abril de 1931. Adela Freire Muñoz: Conferencia  
de propaganda anti-alcoolica. R. E. Rodriguez: Alcoholismo y  
enfermedades mentales.
- Archivos de la Sociedad de Biología de Montevideo, C. Postal n.º 567,  
Montevideo.
- Suplemento, fasc. IV e V, Actas del Congreso Internacional de  
Biología de Montevideo: secciones de physiologia, bio-química, para-  
sitologia e hematologia.
- Revista Argentina de Neurologia, Psiquiatria y Medicina Legal, 2726,  
calle Gaona, Buenos Aires, Republica Argentina.
- Anno V, n.ºs 25 e 26 de 1931. Federico Aberastury: El diagnostico de  
la hiperemotividad por el examen de la escritura. M. A. Ca-  
beza: Patronato de ex-asilados y convalecientes. F. Wertham:  
Psicologia tipologica experimental.
- Revista de la Liga Argentina de Higiene Mental, 359, Avenida Quintana.  
Trimestral.
- Anno II, n.º 2. Gonzalo Bosch: Las enfermedades mentales en la Re-  
publica Argentina. Lanfranco Ciampi: El primer comité femenino de  
la Liga Argentina de Higiene Mental.
- Boletín de Higiene Escolar, 1125, calle n.º 13, La Plata, Rep. Argenti-  
na. Bimestral.
- Anno XI, n.º 43, Setembro-Outubro e Novembro-Dezembro de 1930
- La Medicina Argentina, 381, Junin, Buenos Aires. Mensal. 8 ps. p.  
anno (ext.).
- Anno X, n.ºs 106 e 110, Março e Julho de 1931. Clifford W. Beers:  
Progresos de la higiene mental.
- Revista Oto-neuro-oftalmologica y de cirurgia neurológica, C. Postal  
325, Buenos Aires. Mensal. £1 p. anno (ext.).
- Tomo VI, n.ºs 3 a 7 de 1931.
- Archivos de Fisiologia, C. Postal 325. Buenos Aires. Trimestral.
- Tomo VII, n.º 2, Abril-Junho de 1931.
- Revista de la Sociedad Argentina de Biología, 1171, Santa Fé, Buenos  
Aires. Mensal.
- Vol. VII, n.ºs 1 e 3-4, de 1931.
- Revista de la Soc. de Medicina Interna, 1171, Santa Fé, Buenos Aires.  
Trimestral.
- Tomo VII, n.º 1, Março-Maio de 1931.
- Revista de la Asociación Medica Argentina, 1171, Santa Fé, Buenos  
Aires. Bimestral.
- Tomo XLIV, n.º 301-302, de 1931. J. Ramón Beltrán: Psicoanálisis y  
delito. Este numero traz os expressivos discursos que os Srs. Pro-  
fessores Drs. Gonzalo Bosch e Alberto E. Rossi pronunciaram  
na sessão extraordinaria realizada pela Sociedade de Neurologia

- e *Psiquiatria de Buenos Aires em homenagem ao eminente Professor Dr. José T. Borda*, quando da jubilação deste notável especialista latino-americano.
- Revista Médica de Rosario*, 663, calle Italia, Rosario, Rep. Argentina. Mensal.
- Anno XXI, n.ºs 4 a 7 de 1931.
- Revista de Criminología, Psiquiatria y Medicina Legal*, Las Heras, 3400. Buenos Aires. Bimestral.
- Anno XVIII, n.ºs 103, 104 e 105. Oswaldó Loudet: Los índices medico-psicológicos de la peligrosidad y la libertad condicional. Ladislao Thót: La inasistencia escolar y la criminalidad infantil. A. Ameghino e J. M. E. Gonzalez: Locura e inmigración. A. J. Chaneton: Función social del patronato de liberados. F. S. Garmendia: La asistencia familiar de alienados en el Uruguay.
- Boletín del Instituto Psiquiátrico*, 667, Suipacha, Rosario, Rep. Argentina. Trimestral. 5 pesos p. anno.
- Anno II, n.ºs 6 e 7, Julho-Setembro e Outubro-Dezembro de 1930. Gonzalo Bosch: Algunas consideraciones de orden psiquiátrico. Eleogardo B. Troilo: La asistencia a los anormales psíquicos en las escuelas primarias.
- Anno III, n.º 8, Janeiro-Março de 1931. Gonzalo Bosch: La locura en la Republica Argentina.
- Revista de Especialidades*, 1171, Santa Fé, Buenos Aires, Rep. Argentina, Irregular, 13,5 pesos p. anno (ext.).
- Tomo VI, n.º 4, Julho de 1931. Nerio Rojas: Peritos de parte en los juicios de insania. Oswaldó Loudet: La clasificación de los penados en el tratamiento penitenciario. Gonzalo Bosch y Lanfranco Ciampi: Clasificación de las enfermedades mentales.
- Boletín del Centro de Psicotécnica y Orientación Profesional*, 2218, Charcas, Buenos Aires, Republica Argentina.
- Anno I, Dezembro de 1930, n.º 2. Elias F. Haiek: Como se debe elegir una profesión. Carlos Jesinghaus: Bases psicologicas de la orientación profesional.
- La Crónica Médica*, 2563, Apartado, Lima, Pnrú. Mensal. 4 dollars p. anno (ext.).
- Anno 48, n.ºs 811 a 816 de 1931. J. Altmann Smythe: El problema sexual en las prisiones. E. Ego-Aguirre: La higiene mental y las toxicomanías.
- Revista de Psiquiatria y Neurología*, Hospital de Mazorra, Havana, Cuba, 2 ps. p. anno.
- Tomo II, n.ºs 7-8, Janeiro-Febrero de 1931. Israel Castellanos: Valor de las Impresiones Digitales en los Manicomios.
- Mental Hygiene Bulletin*, 370, Seventh Av., New York, EE. UU.
- Vol. IX, n.ºs 3 e 4, Março e Abril de 1931. Problems of Mental Deficiency. Body and Mind.
- Boletín de la Oficina Sanitaria Pan-Americana*. União Pan-Americana, Washington. Mensal.
- Anno X, n.ºs 3 e 9, de 1931. Tom A. Williams: El tratamiento de los psiconeuroticos.

Archives de **Psychologie**, 11, Avenue de Champel, Genebra, Suissa.

Tomo XXII, n.ºs 85 a 88, Setembro de 1929 a Dezembro de 1930.  
William **Dériaz**: Deux types d'intelligence. Raissa Gariayeva: La loi de l'éducabilité. Richard Meili: Recherches sur les formes d'intelligence. C. Spearman: La théorie des facteurs. R. Meili: A propos de la théorie des facteurs, Ed. Claparède: L'émotion «pure».

**Zeitschrift für Psychische Hygiene**, 75540, Karlsruhe, Alemanha. Bimestral, 6 Rm. p. anno.

Tomo IV, n.ºs 1 a 3, de 1931. Erich Benjamin: Vorbeugung der Neurosen. H. Roemet: Die Frühentlassung der Schizophrenen. R. Sommer: Die Bedeutung von Erholung und Nebenbeschäftigung in der psychischen Hygiene. Paul Nitsche: Zur psychotherapeutischen Würdigung der Beschäftigung Geisteskranker. Hilde Eiserhardt: Bewahrungsgesetz u. Strafrechtsreform. E. Meyer: Ueber Kastration bei Geisteskranken.

**Action et Pensée**, 3, Taconnerie, Genebra, Suissa.

Anno 7.º, n.ºs 2 a 7, Fevereiro a Junho-Julho de 1931. Ch. Baudouin: Principes de psychagogie (n.ºs 2 a 4). Études de psychanalyse de l'enfant (n.ºs 5 e 6). Sigmund Freud: Das Ueber-Ich. R. Desoille: Exploration du subconscient. Em o numero 5 vem publicada uma interessante série de questões constituindo um «inquerito sobre as lembranças infantis».

**The Australasian Journal of Psychology and Philosophy**, 15, Castlereagh Str., Sydney. Mensal.

Vol. IX, n.ºs 1 e 2, Março e Junho de 1931. H. Tasman Lowell: Character and Personality. R. Simmat: Modern Advertising. E. R. Walker: Some Economic Aspects of Vocational Guidance. P. M. Bachelard: Can We Diagnose Feeble-Mindedness in Children?

**The Journal of General Psychology**, Clark University Press, Worcester, Mass., EE. UU. Trimestral.

Vol. V, n.ºs 2 e 3, de 1931. K. Levin: The Conflict between Aristotelian and Galileian Modes of Thought in Contemporary Psychology. N. Rashevsky: Learning as a Property of Physical System.

**Rivista Sperimentale di Freniatria**, S. Maurizio (Reggio-Emilia), Italia. Trimestral.

Vol. LV, anno IX, fasc. 1 e 2, 1931. De Sanctis: Il vecchio e il nuovo nella neuropsichiatria moderna. C. Ceni: Lo sviluppo dell'istinto materno nella femmina e nel maschio in seguito a trattamento operaterapico antisessuale. Cremona: Il ricovero nelle case di cura e di custodia e nei Manicomj giudiziari.

**Infanzia Anormale**, 6, via B. Colleoni, Milão, Italia.

Anno XXIII, n.º unico, 1930 — IX. Este numero despertará o maior interesse de todos os especialistas, pois publica, na integra, as actas e trabalhos do proficuo II Congresso Medico-Pedagogico Italiano, que se reuniu em Milão, em 23-24 de Novembro de 1930. Vejamos as referencias que fazemos a esses trabalhos em outras secções dos «Archivos».

Archivio Generale di Neurologia, Psichiatria e Psicoanalisi. Teramo, (Abruzzi), Italia.

Vol. XII, 31 de Março e 31 de Julho de 1931. M. Levi Bianchini: Un Piccolo Record di Lavoro Neuropsichiatrico. Alcoolismo e Proibizionismo nella psicopatologia sociale. Del Greco: Le insidie dei «morbis mentali» nella vita sociale contemporanea.

L'Igiene Mentale. Zattere n.º 272, Venezia, Italia. L. 10 p. anno.

Anno XI, n.º 2. Sante de Sanctis: Cure Mediche e Igiene Mentale. Fr. del Greco: Esercizi e Igiene Mentale. G. C. Ferrari: Effetti degli sports. A. Ziveri: Ginnastica e malattie mentali.



# ACTAS E TRABALHOS DA LIGA BRASILEIRA DE HYGIENE MENTAL

Reconhecida de utilidade publica pelo de-  
creto n. 4.778 de 27 de Dezembro de 1923.

## EXPEDIENTE:

### DIRECTORIA

*Presidente:* Dr. Ernani Lopes  
*Vice-Presidente:* Prof. Dr. J. P. Porto-Carrero  
*Secretario Geral:* Dr. F. L. Mac Dowell (interino)

### CONSELHO EXECUTIVO

Prof. Juliano Moreira	Dr. Heilor Carrilho
Prof. Henrique Roxo	Dr. Renato Kehl
Dr. Gustavo Riedel	Dr. Helton Póvoa
Prof. Mauricio de Medeiros	Dr. Adauto Botelho
Prof. Olinto de Oliveira	Dr. Murillo de Campos
	Dr. F. L. Mac-Dowell

*Séde:* Praça Floriano, 7  
Edifício Odeon, 5.º andar, sala 516

## SECÇÃO DE CIRURGIA E SYSTEMA NERVOSO

Reuniu-se, em 27 de Julho, ás 18 horas, a secção de estudos de cirurgia geral e especializada, em suas relações com o systema nervoso.

Verificado haver numero legal de socios presentes, o sr. dr. Alberto Farani, presidente, deu inicio aos trabalhos, sendo aprovada a acta da sessão anterior e justificado o não comparecimento dos drs. Oscar de Andrade Ramos e João Alfredo Corrêa Netto por motivos de força maior.

Passando-se á ordem do dia, o sr. dr. Farani transferiu a presidencia ao sr. dr. Britto e Cunha, e fez em seguida a sua annunciada comunicação sobre «esterilização cirurgica dos degenerados, como medida de eugenia».

Começou referindo que, ha tres annos passados, por occasião do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia, apresentára a este certame, em nome da Liga, um succinto trabalho em que defendia a legitimidade da esterilização eugénica por processos cirurgicos. Succedeu, entretanto, que o referido trabalho só foi collocado em ordem do dia na ultima reunião do Congresso, quando já era restricto o numero de congressistas presentes e estavam todos mais ou menos anciosos pela finalização dos debates. Talvez por isso a proposta que então appareceu, de iniciativa, cre, de um estudante, para ser aconselhada a esterilização eugénica pelos

raios X, e não pela cirurgia, ia afigurando-se aceitável á assembléa, o que motivou a retirada immediata do seu trabalho.

O relator lembrou, então, aos seus consocios, os motivos de contra-indicação dos raios X para o objectivo em vista, pois a esterilização em apreço é geralmente temporaria, e, quando seja definitiva, oferece perigos, por actuar extinguindo a funcção de secreção interna das glandulas sexuaes. Com relação aos methodos cirurgicos, a situação é totalmente diversa. Na mulher a operação necessaria — a tulectomia ou salpingectomia — em nada prejudica a funcção de secreção interna dos ovarios. Quanto á technica, nada tem de complicado. Embora exija, é certo, uma laparatomia, pode-se dizer que a sua benignidade é maior que a de uma appendicectomia a frio.

E' no homem, porém, que a inoffensividade do processo cirurgico esterilizador se torna, sobretudo, digna de nota. Basta dizer que a vasectomia, a operação indicada, pode ser até realizada no consultorio medico, como já se chegou a fazer nos Estados Unidos. Sua benignidade é comparavel á de uma simples operação de hydrocele. E, no tocante á influencia sobre a secreção interna, o que se tem verificado é uma acção das mais favoraveis, como aliás, seria logico esperar.

Disse o conferencista não ser um admirador incondicional da medicina norte-americana, mas o detido estudo que tem feito do problema lhe trouxe a convicção de que assiste inteira razão aos eugenistas dos Estados Unidos nas suas normas de proceder para restringir o numero de degenerados. O numero de esterilizações cirurgicas naquelle paiz sobe a milhares. Ninguém supponha, entretanto, que essas intervenções são compulsórias. Ao contrario, a regra é que a operação seja feita ou a pedido do proprio paciente, ou de sua familia, quando falta discernimento ao individuo.

Nos casos em que a iniciativa toca ao Estado, é, em ultima instancia, a um juiz que cabe pronunciar a decisão. Sobre todos esses aspectos deseja insistir, na conferencia publica que tenciona realzar sob os auspicios da Liga, propondo-se além disso, a encasar nessa occasiao o assumpto sob o ponto de vista moral e social.

Depois de mais algumas considerações, o sr. dr. Alberto Farant concluiu a sua communicação dizendo esperar que os neurologos e mentalistas o esclarecessem sobre as indicações neuro-psychiatricas da esterilização.

O sr. dr. Ernani Lopes elogiou a communicação do seu consocio, encarecendo, sobretudo, a grande vantagem de serem vulgarizados os conhecimentos relativos á natureza da intervenção cirurgica necessaria, pois, disse, quando se fala em esterilização operatoria, não falta, entre pessoas leigas, quem pense tratar-se de castração! Reportou-se á conferencia realizada ha dois mezes, na Liga, pelo dr. Ignacio Cunha Lopes, na qual esse distincto especialista trouxe á collação as estatisticas de Rüdín sobre a heranca morbida psychopathica, salentando sobretudo os nmeros impressionantes da psychose maniaco-depressiva e da demencia precoce. Recordou os bons resultados obtidos pelo saudoso dr. Alvaro Ramos, esterilizando mulheres alienadas, com «syndrome perversa», a conselho do professor Juliano Moreira. Insistiu, por fim, na vantagem

maior da esterilização do sexo masculino, por intuitivas razões de physiologia da procriação.

O sr. dr. Frederico Luiz Mac Dowell frisou a necessidade de levar em conta o facto de ser a herança «dominante» ou «recessiva». A dra. Joanna de Lopes referiu-se à celebre «Familia Kallikak», de degenerados oriundos de uma debil mental.

— Reuniu-se, em 17 de agosto, novamente, a XI sessão.

Verificado haver comparecido numero legal de socios, o Sr. Dr. Britto e Cunha, vice-presidente, abriu a sessão, após o que a Sra. Dra. Juana Lopes, secretaria, procedeu á leitura da acta da sessão anterior, que foi approvada sem debates.

O Sr. Dr. Britto e Cunha disse em seguida da satisfação da casa por se acharem presentes o Sr. Professor João Marinho, membro fundador, e o Sr. Dr. Alvaro Cumplido de Sant'Anna, que naquelle momento era empossado.

Fez uso então da palavra o Sr. Dr. Ernani Lopes que dirigiu expressivas palavras de saudação ao Sr. Dr. Alvaro Cumplido de Sant'Anna. Disse o presidente da Liga que todo o corpo medico sabia do real valor do novo consocio, como profissional e como cientista. O que, talvez, entretanto, nem todos soubessem era de sua antiga e pouco commum dedicacão ás campanhas de prophylaxia social, e entre estas á cruzada anti-alcoolica.

Sob esse ultimo aspecto já se fizera, aliás, certa vez, credor da maior gratidão da Liga, sendo opportuno relembrar em que circumstancias. «Decorria a Terceira Semana Anti-alcoolica, em outubro de 1929. Numa das sessões da Academia Nacional de Medicina fôra proposto que esse prestigioso gremio se fizesse representar na grande commissão que a Liga enviaria á Camara dos Deputados e ao Conselho, para pedir aos legisladores medidas legais contra o alcoolismo, em particular a approvação do projecto Plinio Marques, na Camara, e das emendas Leitão da Cunha ao orçamento municipal. O professor Miguel Couto, no proposito de manifestar a adhesão irrestricta da Academia, resolveu, num gesto captivante, designar para fazerem parte da grande commissão todos os academicos presentes. No dia e hora aprazados, entretanto, por imprevistos motivos, á grande delegação não compareceram nem os membros da Academia nem numerosas outras associações convidadas, inclusive os estudantes que deveriam ajudar-nos a conduzir varios cartazes anti-alcoolicos, em nosso trajecto do Syllogeu á Camara. Apenas um grupo decidido ficou até ao fim, tendo sido fixado, em frente ao Palacio Tiradentes, pela objectiva da «A Noite». Chegadna que foi á Camara, nova surpresa esperava a Commissão, pois acabava de verificar-se grande tumulto no recinto daquella casa legislativa, e a entrada ali affigurava-se impossivel, apesar da audiencia previamente marcada. Pois bem, foi sómente devido a interferencia do Dr. A. Cumplido de Sant'Anna, um dos raros componentes fiéis da Delegação popular leade-rada pela Liga—que ainda se tornou possivel sermos recebidos pela me. a.»

O sr. dr. Alvaro Cumplido de Sant'Anna pronunciou, então, brilhante discurso, agradecendo a sua eleição para membro da Liga, e hypothecando a esta o seu apoio.

O sr. dr. Ernani Lopes solicitou, em seguida, ao sr. professor João Marinho que realizasse proximaemente uma conferencia sobre um thema

de oto-physiologia em relação com as funções neuro-mentaes, o que valeria por um grande exito da Liga, attento o valor do illustrado mestre da especialidade.

Depois de animados debates, ficou resolvido que na primeira semana de setembro se realizará a já annunciada conferencia do sr. dr. Alberto Farani, sobre «esterilização cirurgica dos degenerados», na primeira semana de outubro, a conferencia do sr. professor J. Ma inho e em novembro conferencias dos ophtalmologistas da secção, dos quaes se achavam presentes as srs. drs. Britto e Cunha e Amelio Tavares. Ficou, além disso, deliberado que qualquer dessas conferencias possa ser commentada em reunião realizada oito dias após. A ultima parte da reunião foi presidida pelo sr. dr. Alberto Farani.

### SECÇÃO DE PSYCHOLOGIA APPLICADA

Reuniu-se, no dia 23 de julho, na séde da Liga, a secção de estudos de psychologia applicada e psychanalyse.

Presente numero legal de socios, o sr. dr. Ernani Lopes declarou que, tendo expirado o mandato dos ultimos directores da secção, deveriam ser eleitos os seus successores para o proximo biennio. Foi, então, aclamada, sob applausos, a seguinte chapa: presidente de honra, professor Manoel Bomfim; presidente effectivo, dr. Plinio Olinto; vice-presidente, professor C. A. Baker; secretarias: senhora Idalina de Abreu Fialho Nascimento Gurgel e senhorinha Maria Brasilia Leme Lopes.

Empossada logo após a nova directoria, o sr. dr. Plinio Olinto fez uso da palavra, agradecendo, em nome dos recém-eleitos, a prova de confiança que lhes fóra dada pelos membros da XII secção de estudos.

Quanto ao sr. professor Manoel Bomfim propoz, sendo unanimemente approved, fosse uma commissão pessoalmente communicar-lhe a homenagem que todos, de ceração, lhe haviam tributado, aclamando-o presidente de honra.

Tomou posse em seguida a sra. d. Else Mazza Nascimento Machado, em tempo convidada para fazer parte, como membro titular, da secção de psychologia applicada.

O sr. dr. Ernani Lopes apresentou á consideração dos presentes um extenso officio recebido pela presidencia da Liga do sr. dr. Sady Cardoso de Gusmão, director do Instituto Benjamin Constant (Cegos), no qual são solicitados os serviços da instituição para conveniente selecção psychologica dos discentes daquelle estabelecimento educacional. No alludido officio, são focalizadas com justeza as multiplas vantagens que resultariam de um trabalho dessa natureza, quer para os alumnos cegos do Instituto, quer para a psycho-pedagogia em geral e para a tiflo-pedagogia (pedagogia dos cegos em particular).

Quando recebeu esse officio, tinha justamente sobre a mesa o trabalho de Anselmo Gonzalez sobre o nivel mental dos cegos madrilhenos (em 90 cegos, 49 superiores, 24 medianos, 17 inferiores) e, revendo a bibliographia a respeito, encontrou outras contribuições, das quaes lhe pareceu uma das mais interessantes a de Thomas Haines, publicada inicialmente em 1916, na revista norte-americana «Journal of educational

psychology», e que consiste em uma adaptação dos tests «visuaes» da escala de Binet, para uso dos cegos.

Certamente, concluiu, seria de alta importancia realizar essas investigações em **nosso** meio, mas a difficuldade está em encontrar a pessoa ou pessoas que, possuindo conhecimentos technicos sobre o assumpto, disponham outrosim de tempo para effectuar as pesquisas.

Pedi, então, a palavra a sra. Idalira Gurgel, que referiu ter leccionado inglez, durante alguns annos, no Instituto Benjamin Constant, o que naturalmente a levou, como todo professor, a avaliar a intelligencia dos **alumnos**. Desde essa época pensava nas vantagens que adviriam da **psychometria** rigorosa desses escolares desprovidos de visão, como bém o accentua o director do Instituto. Disponha-se, portanto, a fazer **esse** trabalho, dependendo apenas o seu inicio de serem mandados vir os **tests** americanos, para sua immediata adopção.

O sr. dr. **Plínio** Otinto agradeceu o offerecimento da sra. Gurgel e ficou resolvido **adquirir** com a maior brevidade as folhas de exame necessarias.

Na ultima parte da reunião **trocaram-se** ideas sobre o projecto de cada membro da **secção** fazer a synthese da contribuição de um ou mais mestres da **psychologia**, propondo o sr. dr. Armando de Mesquita e a senhorinha **Leme** Lopes que na proxima vez se marque definitivamente o inicio **desse** trabalho.

## SECÇÃO DE DISPENSARIOS E ASSISTENCIA SOCIAL

Reuniu-se em 3 de setembro, ás 17 horas, na séde social, a 1ª secção de estudos (dispensarios e assistencia social).

Verificado **haver** numero legal de socios, o dr. Ernani Lopes declarou que, tendo **expirado** o mandato da ultima directoria da secção, deveriam ser **eleitos** os novos dirigentes para o proximo biennio. Foram então, aclamados: presidente, o dr. Gustavo de Rezende; vice-presidente, o dr. Ignacio da Cunha Lopes, e secretario, o dr. Hugo Vianna Marques, que **foram** em seguida empossados. Assumindo a presidencia, o dr. Cunha Lopes, por impedimento occasional do dr. Gustavo de Rezende, passou a ser discutida a questão do patronato dos egressos dos manicomios e outros **psycopathas** não internados.

O dr. Gustavo Riedel propoz que se solicitasse aos Poderes Publicos uma **percentagem** sobre as mensalidades pagas pelos pensionistas, do Hospital Nacional, e que se criasse uma taxa sobre os exames de laboratorios officiaes, no proposito de auxiliar o patronato.

O dr. Odilon Galloti leu varios trechos dos estatutos de uma sociedade **suisso-allema**, de patronato aos egressos de manicomios, visando **seleccionar** o que fosse applicavel ao nosso meio. Pondo em destaque a grande **necessidade** do amparo aos doentes mentaes curados, citou o facto de **não** poucas vezes permanecerem longo tempo na Secção Pinel, a seu cargo, no Hospicio, doentes do interior perfeitamente curados, **mas** que não sahem por não haver dinheiro para lhes pagar a **passagem** de retorno ao seu domicilio. Não ha muito, um de **taes** doentes ficou **nessas** condições, durante mais de um anno. Referiu-se ainda a **necessidade** de serem criadas secções intermediarias

entre os serviços fechados e os serviços de hospitalização livre, para ex-doentes que podem trabalhar fora do manicômio, mas que é de vantagem estarem sob a permanente fiscalização psiquiátrica. Para isso esses frageis mentaes poderiam dormir no hospital, o que permittiria serem observados convenientemente.

O Dr. Hugo Vianna Marques accentuou que a pluralidade dos dispositivos dos estatutos do patronato suizo lidos pelo seu consocio, se achavam por assim dizer condensados nas conclusões do trabalho publicado sobre o assumpto pelo dr. Gustavo de Rezende, no numero de novembro de 1929, dos «Archivos Brasileiros de Hygiene Mental».

O Dr. João de Mello Mattos, encarando a questão sob outro aspecto, disse da necessidade de amparar no meio social certos doentes que, por vezes recebem alta prematura, seja por grande insistencia de suas familias, seja em virtude de se acharem quasi sempre superlotados os manicômios.

O dr. Octavio Aires referiu-se ao numero consideravel de neuropathas, que procuram o Hospital de S. João Baptista da Lagôa, de que é director. Muitos desses doentes, seriam enviados ao Hospital Nacional de Psychopathas se de antemão não se soubesse que ali não seriam aceitos pelo facto da superlotação do referido estabelecimento.

Por fim, o dr. Ernani Lopes communicou haver a directoria da Liga enviado recentemente ás senhoras de todos os neuro-psychiatras e chefes de serviço dos hospitaes de alienados e ambulatorios de prophylaxia mental desta capital, uma circular solicitando a sua valiosa cooperação na relevante obra social do patronato dos psychopathas. E referiu ainda que, por uma missiva do sr. professor Lopes Rodrigues, de Bello Horizonte, recebeu a auspiciosa noticia de que em Minas Geraes tambem se cogita neste momento de levar a effeito o «patrocínio do insano mental», na expressão daquelle esforçado psychiatra patricio